



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE  
CURSO DE PEDAGOGIA

BÁRBARA LÉIA LOPES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE PARA OS GRUPOS  
MINORITÁRIOS: UMA REVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**

JOÃO PESSOA/PB  
2020

BÁRBARA LÉIA LOPES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE PARA OS GRUPOS  
MINORITÁRIOS: UMA REVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia como exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros

JOÃO PESSOA/PB  
2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S725i Sousa, Bárbara Léia Lopes de.

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE PARA OS GRUPOS  
MINORITÁRIOS: UMA REVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE  
IDENTIDADES / Bárbara Léia Lopes de Sousa. - João  
Pessoa, 2020.  
68 f. : il.

Orientação: Surya Aaronovich Pombo de Barros.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Representatividade. 2. Relações Raciais. 3. Escola.  
4. Identidade. 5. Ensino Fundamental. I. Barros, Surya  
Aaronovich Pombo de. II. Título.

UFPB/BC

BÁRBARA LÉIA LOPES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE PARA OS GRUPOS  
MINORITÁRIOS: UMA REVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros

Aprovada em: 02/04/2020

BANCA EXAMINADORA



---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros  
UFPB (Orientadora)



---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Thaís Oliveira de Souza  
UFPB (Examinadora)



Prof.<sup>a</sup> Dra. Jeane Félix da Silva  
UFPB (Examinadora)

*Dedico este trabalho a todos os professores (as) que resistem, educam e abrem caminhos para um mundo de possibilidades e transformações.*

## AGRADECIMENTOS

Durante a graduação muitas pessoas participaram ativamente da minha formação e, portanto, não poderia deixar de agradecê-las. Essas pessoas são a minha família e minhas amigas, que durante quatro anos de curso me ajudaram a crescer, me acolheram e me ensinaram que a vida pode ser mais bonita quando compartilhamos nossos momentos com quem amamos, sejam de alegria, angústia ou lutas.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, e a Nossa Senhora por terem me proporcionado tantas bênçãos e conquistas.

Agradeço aos meus pais, Rosimeire Pereira e José Wilame, por dedicarem todo o tempo que puderam para que minha felicidade se concretizasse. Em especial minha mãe, que tanto se sacrificou e abriu mão dos sonhos pela educação de suas filhas.

Às minhas irmãs, Graziela Lopes e Nathalia Williany por sempre serem tão amorosas e compreensíveis. Vocês são carinho, cuidado, companheirismo e a certeza de um abrigo; e é com vocês que eu coleciono os melhores sorrisos. Nas minhas lembranças da vida, vocês estão nas mais bonitas. Obrigada por serem exatamente assim, minhas melhores amigas, amo muito vocês.

Isabelle, você me ensina tanta coisa, sua amizade foi um presente e tanto que a universidade me deu. Obrigada por estar do meu lado e por permitir que eu fizesse parte da sua vida. Quando algo “dá errado”, a gente chora junto e dá risada das nossas tentativas, e é muito bom. Que sorte a minha ter uma companheira como você! Te amo e te admiro, vou estar do seu lado para tudo, minha grande amiga.

Priscila, obrigada por dividir seus conhecimentos e vivências, e por sempre me ajudar nos momentos que eu achava que seriam impossíveis enfrentar. Você me faz acreditar que somos capazes de passar por qualquer situação juntas, todo meu respeito e admiração por quem você é.

Keliane, que com toda a sua dedicação e seu jeito delicado de tratar as pessoas ao seu redor, fez com que eu a admirasse cada vez mais, conviver junto com você todas as experiências da universidade fez com que tudo fosse mais significativo e prazeroso.

Pâmella, obrigada por todos os sentimentos e momentos compartilhados. Você é daquelas pessoas que encanta, contagia e ilumina o ambiente quando chega. Ficar do seu lado é bom demais, obrigada por me deixar fazer parte da sua vida, tenho muita admiração e orgulho da pessoa que você é.

Bianca e Jéssica que, além de colegas da faculdade, se tornaram minhas irmãs. Quando penso na nossa amizade eu fico feliz demais, feliz porque sei que a gente se acrescenta, e a gente lembra uma a outra o tempo todo como somos inteligentes, unidas e capazes de enfrentar qualquer situação. Vocês são tão presentes na minha vida desde que cheguei a esta universidade que eu nem sei mais como é o mundo sem vocês comigo. Muito obrigada pela conexão, pelo cuidado, pela preocupação, amo vocês.

Aos professores do Curso de Pedagogia, em especial àqueles que mostraram que é possível realizar mudanças mesmo quando a situação é contrária.

Agradeço à minha orientadora, Surya Aaronovich, pelas excelentes aulas e por ter sido tão disponível, crítica e formadora. Você é uma pessoa única e especial, muito feliz por ter convivido com você. Tenho muito respeito e apreço e levarei como amiga.



Tira da Revista Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, distribuída pela editora Panini no ano de 2017.



## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal debater a importância da representatividade para os grupos minoritários no ensino, focando principalmente em pessoas negras. Apontando caminhos sobre o que é representatividade; incorporando de maneira séria e responsável a importância da diversidade cultural na sala de aula e questionando algumas práticas racistas na instituição de ensino. A escola tem o papel fundamental na desconstrução de preconceitos. Ela deve, sempre que possível, convidar os alunos a refletir sobre cultura, identidade, racismo e respeito. Por isso, foi previsto uma pesquisa qualitativa, desenvolvida com alunos da turma do 1º e 3º ano do Ensino Fundamental e uma entrevista com uma professora que leciona no Ensino Fundamental. Foi constatado que a professora reconhece a importância de trabalhar sobre a cultura africana e afro-brasileira e que, nos livros didáticos, estas representações para os grupos minoritários são mal desempenhadas, devido ao padrão branco eurocêntrico. Por meio das oficinas, foi mostrada a receptividade e o reconhecimento das crianças sobre a importância de artistas negros aparecerem na mídia. É importante que a comunidade acadêmica, inclusive os professores que estão na prática, no exercício de magistério, compreendam as concepções e os conceitos e se apoderem da discussão. Podendo iniciar reflexões e debates com propriedades em sala de aula e aprofundar o tema na literatura.

Palavras-chave: Representatividade. Relações Raciais. Escola. Identidade. Ensino Fundamental.

## RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo principal discutir la importancia de la representatividad para los grupos minoritarios de ensino, enfocando principalmente en personas negras. Apuntando caminos sobre lo que es representatividad; incorporando de manera seria y responsable la importancia de la diversidad cultural en clase y cuestionando algunas prácticas racistas en institución de ensino, la escuela tiene el papel fundamental en la desconstrucción de preconceitos. Ella debe, siempre que possible, invitar los alumnos a refletir sobre cultura, identidad, racismo y respecto. Por eso, fue previsto una investigación cualitativa, desarrollada con alumnos de un salón de clase de 1° y 3° año del Ensino Fundamental y una entrevista con una profesora que lesiona en Ensino Fundamental. Fue constatado que la profesora reconoce la importancia de trabajar sobre el tema de cultura africana y afro-brasileña y que en los libros didácticos estas representaciones para los grupos minoritarios están mal realizados, debido al modelo blanco eurocéntrico. Por medio de los talleres, fue mostrada la receptividad y el reconocimiento de las niños sobre la importancia de que los artistas negros aparezcan en los medios. Es importante que la comunidad académica, incluso los profesores que están en las práctica, en ejercicio de magisterio, comprendan las concepciones y los conceptos y se apoderan de la discusión. Ser capaz de empezar reflexiones y debates con propiedades en clase y profundizar el tema en la literatura.

Palabras clave: Representatividad. Relaciones Raciales. Escuela. Identidad. Ensino Fundamental.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1:</b> “Deixa o cabelo da menina”	24
<b>Figura 2:</b> Episódio de racismo discutido em rede social	26
<b>Figura 3:</b> Ilustração sobre a reportagem da adolescente impedida de se batizar	27
<b>Figura 4:</b> “Quero que as crianças olhem para mim e vejam seus rostos refletidos nos meus”	39
<b>Figura 5:</b> Criança se encontra no livro de literatura infantil	43
<b>Figura 6:</b> Desenhos dos alunos, atleta e cantor bem sucedidos	50
<b>Figura 7:</b> Desenho sobre o personagem, cantora inspirada na Iza	51
<b>Figura 8:</b> Brasil de Fato (frase escolhida pelos alunos para compor o cartaz)	54
<b>Figura 9:</b> Com qual cor me identifico?	56

## **SUMÁRIO**

1. INTRODUÇÃO	12
2. UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE NEGRA	17
2.1 Conhecendo alguns conceitos que fundamentam a discussão sobre relações raciais	22
3. O PODER DA REPRESENTATIVIDADE	30
3.1 O que a mídia apresenta?	32
3.2 Elementos que ajudam a construir uma identidade social positiva	36
3.3 A escola como agente transformador	42
4. O COMPORTAMENTO INFANTIL DIANTE DA DIVERSIDADE RACIAL	46
4.1 Dinâmicas com as crianças	48
4.2 Entrevista com a professora	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXO A	66
APÊNDICE A	67

## 1. INTRODUÇÃO

Representatividade é um tema importante que ganhou discussão relativamente recente, e sua visibilidade por conta das redes sociais se ampliou. Hoje existem muitos debates, com fontes e opiniões que respaldam a importância da representatividade para as minorias. Seu significado se apresenta como tudo aquilo que é representativo para um indivíduo, uma maneira de identificação com algo ou alguém. Os movimentos sociais trazem a representatividade como forma de mostrar que diferentes grupos existem, e a necessidade de se espelhar em algo que tenha espaço na mídia, por exemplo: filmes, novelas ou séries que valorizam os tipos físicos ou culturais – do negro, indígena, das mulheres, e LGBTQ+<sup>1</sup>; para assim ser desempenhado um papel empoderador para um grupo. Em determinados contextos, por exemplo, nas redes sociais, quando este assunto não é bem debatido e compreendido, pode ocasionar um preconceito entre diferentes povos e etnias, afetando assim uma convivência harmoniosa entre os mesmos. Para conceituar o que seria representatividade, busquei discorrer através dos textos de Nilma Lino Gomes, Luana Tolentino e Thais Helen, sobre a importância de apresentar histórias em que as pessoas negras se identifiquem; e também dialogando com matérias do site Notícia Preta, um Portal de Jornalismo antirracista que diariamente divulga notícias relacionadas ao tema e outros que visam apresentar as lutas de movimento negro.

Em relação a minha trajetória escolar muitos professores me deram aula e muitos funcionários trabalharam nesses espaços escolares. Mas, uma coisa que nunca antes havia me atentado foi à indiferença que muitas destas pessoas negras sofriam, por causa da cor da pele, na escola. Se tivessem me ensinado desde cedo sobre o racismo eu teria visto minha colega, ainda no Pré do Ensino Infantil, ter o seu cabelo preso com tanta força pela professora com a desculpa de “pegar piolho”, ou no Ensino Fundamental quando meu colega tinha que raspar o cabelo e ainda era chamado de macaco, ou eu teria contado quantos professores negros eu tive, foram tão poucos que posso contar nos dedos.

---

<sup>1</sup> LGBT é uma abreviação de "lésbica, gay, bissexual e transgênero". O Q no LGBTQ pode representar perguntas (ainda explorando a sexualidade) ou queer ou, às vezes, ambas. O LGBTQ é melhor usado apenas em citações ou em nomes formais de organizações ou eventos. É uma versão reduzida de LGBTT2QQIAAP (que acrescenta “intersexuais”, “assexualidade” e “pansexualidade”). De acordo com The stylebook supplement on lesbian, gay, bisexual, transgender & queer terminology (Associação de Jornalistas LGBTQ dos Estados Unidos).

Sempre estudei em escola pública e é nesse espaço que mais existe diversidade cultural, mas nos livros didáticos pouco se via. O foco sempre foi a cultura branca eurocêntrica, desde as capas até as figuras das atividades, e o negro posto como escravo, ou descendentes de escravo, resumindo em povos marginalizados. Também só percebo agora que durante o Ensino Fundamental, principalmente na hora do intervalo, as meninas negras voltavam com o cabelo pingando de água, eu não entendia o motivo, mas depois de refletir sobre esse caso percebi que elas queriam deixar os cabelos crespos mais parecidos com o padrão que era imposto – cabelo comprido e liso. Essas meninas tentavam se encaixar num padrão racista, classista e machista, descaracterizando suas características e identidade. São situações tristes como essas que tem como consequência a construção de identidades – que não é algo inato e sim construtivo, dentro de um padrão forçado, causando baixa autoestima e baixo rendimento escolar (GOMES, 2003).

No ensino médio também há situações cruéis sobre os alunos negros. Na minha sala do 2º ano médio tinha um aluno que era acusado de roubo e de drogado, poucas vezes frequentava as aulas. Se houvesse mais discussões sobre o racismo nas escolas perceberíamos que este aluno estava coagido a faltar aula por ser ofendido diariamente por seu tom de pele e por não se sentir acolhido. Esse racismo destrói escolhas e vidas, a escola deveria ensinar o respeito e não a exclusão. Na universidade poucas coisas mudam. Quando parei para refletir quantos professores negros eu tive, apenas dois vêm na minha mente, e funcionários da limpeza, por exemplo, é a maioria. O racismo cria barreiras. Nas aulas as pessoas debatem pouco, e quando veem caso de racismo não interferem ou apontam suas consequências.

Escolhi cursar Pedagogia e durante o curso pouquíssimas vezes discutimos sobre o racismo estrutural – quando os hábitos de apenas um grupo social (de pessoas brancas) é posto em evidência e numa posição melhor e ao mesmo tempo estas atitudes promovem o preconceito racial ou segregação. Apenas em duas disciplinas tive a oportunidade de debater sobre essa temática. Uma que é obrigatória, Pesquisa Educacional, onde escolhi trabalhar sobre apropriação cultural e a outra foi Educação das Relações Étnico raciais e Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, sendo optativa. E foi durante este período em que comecei a se identificar como pessoa negra, antes sempre me colocava como pessoa da pele parda, mas depois de ler textos referentes ao colorismo hoje eu sei que sou negra de pele clara. É de suma importância que pedagogos estudem e discutam esse tema em todos os lugares, sejam dentro ou fora da instituição escolar (como nas comunidades, na família, com os vizinhos, etc.). É obrigação nossa trazer material didático que englobe a todos, sem distinção, e que tenha maior representatividade – com projetos que valorizem e enalteçam as

etnias e a diversidade racial, assim nos sentimos pertencentes a um grupo, sem precisar negar nossa própria identidade para sermos aceitos por outras pessoas. Com isso teremos indivíduos fortes, respeitosos e engajados para lutar a favor de uma sociedade justa e sem preconceito.

Um retrato disso é o caso da menina Mirella, que teve um vídeo viralizado na internet, há um ano, onde ela se caracterizou como jornalista e seus amigos como câmeras (usaram celular para as filmagens), para mostrar a situação da rua em que morava que possui muitos buracos. Mirella foi entrevistada e a questionarem qual era o seu maior sonho e em quem ela se inspirava, seu sonho é ser jornalista e a Gloria Maria é sua maior fonte de inspiração porque, segundo ela, elas se parecem. Mirella também é negra e Gloria Maria é a imagem na qual a menina se reflete e cria uma possibilidade para alcançar seu sonho. Isso é representatividade, é a construção de identidade e aumento de autoestima com o auxílio de imagens importantes da mídia.

Desse caso, se faz importante a pergunta: quem são nossos ídolos e porque são significativos na construção da nossa identidade? A motivação de estudar este tema partiu de uma inquietação pessoal resultada da observação de discussões em ambientes virtuais, onde muitas vezes os argumentos utilizados por alguns indivíduos eram pautados em desrespeitos e ofensas. O principal objetivo dessa pesquisa consiste em mostrar a dimensão de debater a importância da representatividade para os grupos minoritários no ensino de aprendizagem, focando principalmente em pessoas negras. Como meio para alcançar a principal meta, fez-se necessário estabelecer os seguintes objetivos: apontar caminhos de compressão sobre o que é representatividade; incorporar de maneira séria e responsável a importância da diversidade cultural na sala de aula e questionar, as práticas racistas na instituição de ensino.

Com a finalidade de envolver o saber teórico com a realidade o percurso metodológico consiste na interpretação dos dados coletados na pesquisa de campo, partindo então, para uma pesquisa qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Educação Básica (EEBAS), localizada no Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com duas turmas selecionadas, uma do 1º ano e a outra do 3º ano, ambas do Ensino Fundamental. No período em que eu era estagiária, no Programa de Residência Pedagógica (PRP) por isso tive uma abertura e facilidade maior para adentrar nesse ambiente. A pesquisa está pautada nas experiências obtidas por meio da observação participante em oficinas temáticas, roda de conversa e entrevista (questionário semiestruturado) com a professora que leciona no 3º ano. Por isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, pela forma do trabalho de campo oferecer

uma experiência pessoal melhor em amostras de sensibilidade, buscando sentimentos e ouvindo vivências das crianças e da entrevistada.

Na escola é interessante que os professores criem espaço de reflexão e construção de conhecimento para que o aluno busque desenvolver atividades que despertem a vontade de debater sobre a cultura e os direitos da população negra. E que ofereça imagens positivas sobre as características de todos os alunos, pois além de empoderar os grupos que são excluídos socialmente, oferecendo artifícios para que estes construam identidades mais fortalecidas. Na produção bibliográfica, tratando sobre o ensino educacional, este tema – representatividade e a importância para a construção da identidade negra – ainda possui poucas produções a respeito do conceito. Levantar uma discussão científica, através da demonstração e definição de conceitos sobre o significado de representatividade, possibilita a quebra de preconceitos e de paradigmas. Faz com que as pessoas, que tenham acesso a estas informações, possam compreender e respeitar as identidades culturais.

A princípio foram escolhidos como autores de referência Stuart Hall – que em seu livro ‘A identidade cultural na pós-modernidade’ apresenta sobre a identidade cultural na modernidade tardia, avaliando em que consiste e que direção esta se encaminhando. Também o autor Roque de Barros Laraia, responsável pelo livro ‘CULTURA Um Conceito Antropológico’ (1997). E em busca de conhecer termos e conceitos relativos a essa temática também foi escolhida o artigo de Nilma Lino Gomes intitulado ‘Alguns termos e conceitos presentes do debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão’ (2005), além de seu outro trabalho ‘O movimento negro educador – Saberes construídos nas lutas por emancipação’ (2017).

Posteriormente com a necessidade de entender melhor o tema, busquei dialogar com outras autoras como Grada Kilomba e seu livro ‘Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano’ (2019), onde é exposto os preconceitos e discriminações que são recontes no dia-a-dia pessoa negra, ações contra o cabelo, contra o comportamento e contra a liberdade no negro ser quem é. Também utilizei o livro com organização de Adlene Silva e Monica Maria ‘Literatura Afro-Brasileira e Africana – Experiências formadoras na extensão, no ensino e na pesquisa’ (2018), nele as autoras apresentam práticas pedagógicas mais dinâmicas que incluem a exploração da literatura afro-brasileira e africana a fim de articular uma educação mais transformadora.

É importante que a comunidade acadêmica, inclusive os professores que estão na prática, no exercício de magistério, compreendam as concepções e os conceitos e se



apoderem da discussão. Podendo, então, iniciar reflexões e debates com propriedades em sala de aula e aprofundar o tema na literatura.

Com a intenção de facilitar a leitura, este trabalho está dividido em três capítulos, são eles: Um olhar sobre a identidade negra, O poder da representatividade e O comportamento infantil diante da diversidade racial. O primeiro capítulo - Um olhar sobre a identidade negra aborda que antes de entrar na discussão sobre a importância da representatividade é preciso entender sobre o conceito de identidade, portanto traz discussões sobre como nossas identidades são construídas baseadas nos setores políticos, sociais e culturais que cada indivíduo se encontra. Trazendo também outros conceitos paralelos como: cultura, apropriação cultural, assimilação cultural, preconceito racial e discriminação racial. Nossa identidade é construída devido a influências desses fatores.

O segundo capítulo - O poder da representatividade aborda como a mídia molda nosso sistema e consequentemente a construção da nossa identidade de acordo com as imagens apresentadas nas telecomunicações, busca explicar que os conceitos de representação e representatividade estão interligados e se fazem necessários para discutir sobre relações raciais, e como a escola pode ajudar no empoderamento dos alunos a partir do momento que se torna inclusiva.

O terceiro e último capítulo - O comportamento infantil diante da diversidade racial apresenta a análise das oficinas e da entrevista com a professora, que são as bases para debater a importância de trazer conteúdos sobre a história africana e afro-brasileira no intuito de demonstrar que a escola é uma parte importante para o desenvolvimento da nossa humanização e precisa ser um ambiente mais representativo. Por fim, será apresentado as considerações finais sobre esse trabalho, concluindo que a mídia e a escola tem grande poder de influencia nas nossas maneiras de pensar, agir e sentir. A escola como meio transformador precisa focar no desenvolvimento humanitário de seus alunos, preparando-os para conviver numa sociedade de grande diversidade cultural. Lembrando que uma educação mais representativa dá voz, poder de decisão e fortalece a construção de identidade.

## 2. UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE NEGRA

A discussão sobre representatividade nas relações raciais traz uma variedade de conceitos e termos, e que quando não bem apresentados e sintetizados acabam gerando desentendimentos. Por isso, antes de compreender que a falta de um sistema de representações para determinados grupos afetam as suas identidades, se faz necessário dialogar sobre este conceito: identidade. Muitos autores de referência discutem este conceito, e concluem que é muito complexo e não possui uma resposta satisfatória para o seu significado. Stuart Hall conceitua o que seria identidade:

O próprio conceito com o qual estamos lidando – identidade – é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas. (HALL, 2013, p. 9)

Percebe-se que a identidade não é algo inato, é construído. Torna-se indispensável na discussão sobre representatividade. Os movimentos sociais têm estimulado mudanças nos setores da mídia, buscando espaços sociais e políticos, além de força para confrontar quando seus direitos estão sendo violados (MOURA; CECCARELI; LUZ, p. 02, 2017). Uma identidade fortalecida estimula no aumento da autoestima e na busca por uma autonomia.

O autor Stuart Hall, em seu livro ‘A identidade cultural na pós-modernidade’ nos apresenta três concepções sobre o termo identidade. A primeira é do sujeito do iluminismo, esta é a concepção de sujeito individualista baseando que a identidade é centrada apenas no “eu” se tornado o centro de todas as capacidades.

O segundo é a noção de sujeito sociológico, o autor explica que este reflete ao sujeito não autônomo e que não é autossuficiente para si próprio, sua formação precisa de “outras pessoas importantes para ele”, sua identidade nasce da interação do indivíduo com a sociedade em que está inserida.

A terceira concepção que ele traz é a do sujeito pós-moderno, quando este não possui apenas uma, mas várias identidades que muitas vezes entram em colapso. A identidade é formada pelas formas que são postas as nossas representações nos sistemas culturais, sendo definida historicamente e não biologicamente. O autor Stuart Hall conclui este pensamento da seguinte forma:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se

multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2013, p. 12)

Portanto, a identidade envolve setores políticos, sociais e culturais. Tendo de ser vista de forma bastante ampla e genérica, é um fator importante para a criação de relações em uma sociedade e da relação com o seu próprio “ser”, lembrando que ela “indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares” (GOMES, 2005, p. 41)

Outro conceito imprescindível para esta discussão é o significado de cultura, também considerado muito amplo e complexo. Partindo de uma visão antropológica, Edward Tylor (1832-1917), o primeiro a conceituar o que seria cultura, no vocabulário inglês *Culture*, é definido como sendo algo:

Tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (apud LARAIA, 2001, p. 14).

Conforme Laraia explica (2001), a cultura condiciona a visão de mundo do homem, ou seja, opera pelo modo de ver o mundo e pela valorização dos diferentes comportamentos sociais, estes que são produtos de herança cultural. O autor também apresenta outro ponto de vista, correlacionando com a dinâmica que ocasiona as mudanças culturais, podendo ser por duas formas: uma interna, resultante do próprio sistema cultural e a segunda, externa, ocorre pelo contato com outro sistema.

Em todo o contexto da história da humanidade, o contato com outro sistema, nunca se deu de forma pacífica. Bauman (1998) menciona que cada espécie de sociedade produz seus estranhos. Estes são classificados como aqueles que não se encaixam no mapa cognitivo, moral e estético do mundo, se tornam intoleráveis gerando mal-estar aos que os rejeitam que por sua vez, tentam constituir a ordem criando imposições como forma de anulação e exclusão aos que não se encaixam nos padrões.

Esse mal-estar ao estranho, segundo Laraia (2001), acaba gerando o etnocentrismo, ou seja, uma forma de classificar a sua cultura como a correta e melhor do que a do outro, resultando em um campo fértil para o surgimento das intolerâncias sociais, no qual o grupo dominante branco sempre vai impor seus padrões, normas e valores aos grupos dominados. O grupo dominado, em meio a uma difusão cultural, acaba assimilando os elementos da cultura dominante e vão se reformulando e reinventando.

Laraia explica que a maioria dos padrões culturais de um determinado sistema, não foram inventados, mas sim, copiados de outros sistemas culturais. Seguindo essa linha de raciocínio, os padrões que são impostos em alguns países não são inventados e sim copiados de outro país cuja cultura tenha uma forte dominância sobre os mesmos. Um exemplo é a influência da indústria americana – a moda, o cinema, as músicas – que contribuem para outros países aderirem às suas características, a forma de como tudo é feito ou utilizado, e usarem normalmente como se também lhes pertencessem.

Nossa identidade pode ser vista como um conjunto de várias características, que podem nos diferenciar de um grupo e ao mesmo tempo nos fazer pertencentes aos nossos semelhantes, e por assim, formar um novo grupo. Vivemos uma transformação constante, com a chegada de novos contextos históricos, novas ideias, de políticas e projetos. Sendo assim, as nossas escolhas para construir a própria identidade a partir de ideias sociológicas, como a sociedade apresenta aquele todo e não surgindo de escolhas individuais, somos constantemente influenciados por algo e moldados durante as fases da vida. Nilma Lino Gomes entende a identidade como sendo de tal forma:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p. 41)

Portanto, as identidades são construídas de uma perspectiva social, histórica, política e cultural. Ao nos reconhecermos nessas questões – de gênero, sexo, de classe, que consome conteúdo, dentre outras – respondemos com sentimentos de pertencimento a um ou mais grupos sociais. Também nesse sentido na interação do eu com o outro, transmitimos uma imagem identitária que pode ser aceita ou recusada. Segundo defende Gomes (2005, p. 42) “o meu mundo, o meu eu, a minha cultura, são traduzidos também através do outro, de seu mundo e de sua cultura, do processo de decifração desse outro, do diferente. É como um processo de espelhamento”. Essa construção passará por um processo de identificação pessoal com o outro, resultando no surgimento de diferenças, estabelecendo o que nos diferencia de outros sujeitos na mesma cultura.

Quando opto por discutir sobre a identidade negra, desejo apontar que a construção não é diferente, também é preciso influência para se construir uma ideia pessoal fortalecida. Porém, na forma em que são desempenhados os personagens negros (nas novelas, filmes, *YouTube*, livros de literatura) estimula ideias racistas. Dentro da sociedade as representações

do negro são escassas e/ou silenciadas, contendo muitos estereótipos negativos, o que foge da realidade causando confusão e preconceito. Por isso se faz necessário apontar, num contexto geral, como a sociedade se refere ao indivíduo negro.

Implica lembrarmos o processo de exploração – quando pessoas negras foram retiradas do seu continente para servirem como mercadorias para pessoas brancas em outro espaço completamente fora de seus ambientes naturais. Nossa sociedade possui uma dívida social, pensando em uma percepção econômica, visto que desde o período escravocrata os negros não tiveram oportunidades de trabalho com boas remunerações salariais. Gerando por fim, desigualdades, desrespeitos, desemprego, e separados dos seus valores culturais buscando se encaixar nos padrões expostos. Até hoje sofrem as consequências de fruto de uma ignorância, como: dificuldades sociais, econômicas e de adaptação.

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade como processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social. (GOMES, 2003, p. 171)

A identidade negra implica justamente em como a sociedade lida com a fase de escravidão, como se não tivesse sido de verdade e os livros houvessem aumentado consideravelmente a destruição da história de um povo, transformando essa fase em um mero conto. Não bastando isso, e todo dia as pessoas negras terem que lembrar a toda a sociedade que temos um passado vergonhoso, e provar que é justamente devido à escravidão que passam por injustiças sociais constantemente.

É necessário reconhecer que alguns têm privilégios, pessoas brancas não passaram por este processo de exploração e não precisam provar seu valor a todo o momento, não que isso seja uma competição, mas se faz necessário que brancos se reconheçam privilegiados e não acusados, exemplificando com uma frase da filósofa Angela Davis: “não basta não ser racista, precisamos ser antirracista”.

Faz-se importante enfatizar que o termo branco e negro utilizado nesse trabalho são direcionados a partir da dinâmica social que os envolve, pautado em privilégios, preconceitos e estereótipos. Dinâmicas estas que posicionam o negro como inferior ao branco. E hoje, as identidades modernas são frequentemente baseadas nessa estrutura, mudando as identidades pessoais a partir do que se é gradativamente aceito pelo branco. Na nossa cultura existe uma centralização em cima do que é aceito pela elite branca.

A autora Nilma Lino Gomes explica essa situação de tal forma:

É por isso que dizemos que as diferenças, mais do que dados da natureza são construções sociais, culturais e políticas. Aprendemos, desde crianças, a olhar a diversidade humana – ou seja, as nossas semelhanças e dessemelhanças – a partir das particularidades: diferentes formas de corpo, diferentes cores da pele, tipos de cabelo, formatos dos olhos, diferentes formas linguísticas, etc. Contudo, como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada: perfeições e imperfeições, beleza e feiúra, inferioridade e superioridade. (GOMES, 2005, p. 51)

Observando todo o contexto histórico, vemos que é desenvolvida uma negação no querer compreender sobre os conceitos que enquadram a identidade negra e sua opressão, visto que muitos não veem essa exclusão e resumem em dizer que os negros apenas querem chamar atenção. Nessa parte não estão errados, é fato que deve ser chamado atenção em querer discutir o racismo, pois é isso que está envolvido em querer negar a humanidade e identidade do outro, quando ser negro seria para tal um símbolo de inferioridade – o racismo atrasa a mentalidade, tanto que conversando com algumas pessoas estas também acham que a África, por exemplo, é um lugar ausência de civilização, e o racismo é a escolha que deve ser eliminado, pois é esta atitude que tem ausência de civilização e sem nenhuma contribuição para a humanidade. A autora Nilma Lino Gomes nos ajuda a refletir lembrando:

Dessa forma, se queremos lutar contra o racismo, precisamos re-educar a nós mesmos, às nossas famílias, às escolas, às(aos) profissionais da educação, e à sociedade como um todo. Para isso, precisamos estudar, realizar pesquisas e compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira e aprender a nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como esta se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros. (GOMES, 2005, p. 49)

Na visão eurocêntrica – quando a cultura europeia se designa superior em relação às outras, exclui algumas contribuições africanas, como: acessórios, traje típico, música, dança símbolos e crenças religiosas, idioma e expressões linguísticas, conhecimento tradicional, arte, culinária etc; foram não só desconsiderados, mas também desconstruídos, ocultados ou apagados. Alguns aspectos culturais são adotados sem permissão por uma cultura que explorou e/ou oprimiu o grupo minoritário, ou por quem não entende o significado cultural do elemento incorporado. No próximo tópico serão tratadas discussões pautadas em alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais na sociedade. Com o intuito de contextualizar episódios de racismo e facilitar a reflexão sobre as desigualdades e intolerâncias sobre diversidade cultural.

## 2.1 Conhecendo alguns conceitos que fundamentam a discussão sobre relações raciais

Alguns conceitos estão apoiados na discussão de relações raciais, com a chegada das militâncias os movimentos sociais trazem reivindicações para uma visibilidade maior de igualdade e compreensão, pela razão que estes vêm sendo muitas vezes ignorados ou demonstrados em posição subalterna ao padrão – branco – principalmente pelas indústrias. Temos a necessidade de identificar em quais contextos ocorrem tais exclusões e pensar em ações que impeçam esse comportamento.

- **Apropriação Cultural**

Um conceito muito importante que precisa ser discutido é o termo apropriação cultural. Este termo diz respeito à existência e resistência de povos específicos em uma sociedade que ainda predomina incompreensão impossibilitando avanços na sociabilidade e respeito mútuo. Levantar esta discussão poderá possibilitar a quebra de preconceitos, fazendo com que as pessoas respeitem mais a diversidade cultural e evitem uma invasão na cultura.

*Apropriação Cultural* é uma maneira de descrever quando uma pessoa, de uma cultura dominante, adota aspectos ou se utiliza de elementos de uma cultura que não lhe pertence e os usa sem referência ou de modo indiscriminado. Pode se dizer também que, se caracteriza quando membros da cultura dominante incorporam elementos de outras, cujos integrantes sofreram e sofrem opressão sistemática daqueles que se apropriam. O termo apropriação cultural reflete, primeiramente que apropriar está direcionado a algo que toma para si, adota aspectos de algo que não lhe pertence.

Além de virar mercadoria, a identidade negra sofre com a descaracterização da própria cultura. São estes conceitos eurocêntricos que definem a inferioridade negra – costumes brancos são belos e ditam moda, mas do negro são perigosos e não podem existir, ou são adaptados para a mídia conseguir lucrar em cima. Concluindo este processo numa desvalorização racial.

- **Assimilação Cultural**

Outro conceito paralelo é a *assimilação cultural*, quando um grupo marginalizado se vê obrigado a incorporar aspectos da cultura dominante para poder ser aceito na sociedade, por exemplo, meninas de cabelo cacheado ter de alisar seus cabelos mesmo quando não querem. É a imposição da cultura dominante, de acordo com Lima e Higa:

Em certos casos, a apropriação assume níveis ainda mais combatidos. Principalmente em meio a condições em que se pauta e debate o racismo e a

xenofobia em diversos países. Nos papéis onde há apropriação há sempre uma relação com a opressão, na qual é possível evidenciar a posição do apropriador como oriundo de setores privilegiados. (LIMA; HIGA, 2015, p. 6).

O problema acontece quando expressões culturais como a música, a arte e a própria moda de um grupo minoritário são adotadas por um grupo dominante e passam a ser associadas a ele. Então, esse grupo passa a ser considerado criativo, inovador e artístico, enquanto os criadores originais deixam de receber o crédito que merecem. A grande questão, nesse caso, é o etnocentrismo. O que é mais crucial e precisa ser combatido é justamente a ignorância sobre uma cultura diferente. Autores como Lima e Higa, apontam sobre a questão de apropriação cultural:

Para tanto, quando não se conhece e não se fala sobre a necessidade da valorização e da lembrança constante da simbologia desses elementos – turbantes, tambores, *dreads*, etc. – pensar sobre apropriação cultural é dizer que a cultura afro brasileira passou por processos violentos de apagamento (LIMA; HIGA, 2015).

A partir destes desafios enfrentados diariamente que pessoas negras lutam para reconstruir a identidade negra positiva. Buscar procurar um grupo e se sentir pertencente em uma sociedade não é fácil, principalmente quando negam suas características – cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz e da boca, tamanho do corpo – são muitos preconceitos vividos diariamente, desestimulando o modo de ser e de pensar, e usando o que é aceito (mesmo que seja cultura de outro) para não se sentir excluído.

O cabelo é uma parte essencial para a construção das nossas identidades, e usar o cabelo crespo, ou cacheado soltos numa sociedade que ainda menospreza esses tipos de fios é resistir e fortalecer a comunidade negra. O movimento negro está constantemente debatendo como a nossa cultura minimiza esse tipo de fisionomia e exclui a ponto das pessoas negras adquirirem os traços de pessoas brancas, e se moldarem no padrão eurocêntrico. Hoje, nas redes sociais e em algumas publicidades vemos que a aceitação do cabelo crespo está em andamento, um pouco lento, mas tem exemplos de artistas que mostram a valorização da identidade negra e do poder feminino, por exemplo, Tais Araújo, Erika Januza, Negra Li, Cris Viana, MC Sofia, Iza. Essas artistas inspiram muitas outras mulheres e crianças a amarem seus cabelos, e se sentirem confiantes com a própria identidade. A seguir apresento uma imagem de uma criança que mostra a beleza de ter o cabelo cacheado.

Na Figura 1 vemos uma menina posando com posse de si mesma, a foto evidência o empoderamento sobre seu cabelo, embora ainda persista na nossa sociedade uma depreciação associadas à imagem da pessoa negra, e nem todas as meninas conseguem se aceitar devido a essa relação de valorização apenas a estética de pessoas brancas. O título da figura é via Dep. David Miranda na sua rede social *Instagram*, onde busca valorizar a estética



do cabelo negro e a identidade enquanto sujeito singular. A ausência de imagens positivas traz como consequência o silenciamento e dificuldade de assumir sua própria descendência, devido à opressão de padrões expostos.

Figura 1: “Deixa o cabelo da menina”



Fonte: David Miranda (Rede social Instagram do deputado).

Inúmeras tensões raciais e sociais persistem na sociedade brasileira, atingindo precariamente a educação, saúde, moradia, emprego, e cultura de pessoas negras. Deixando-os mais recorrentes de vulnerabilidades sociais: pessoas negras são os mais pobres, é a maioria entre a população carcerária e o maior número de vítimas de homicídio. A desigualdade racial no Brasil está ligada diretamente ao racismo.

Com um contexto social histórico, lembremo-nos da abolição da escravidão em 1888 (Lei Aurea) onde as pessoas negras não obtiveram nenhum tipo de reparação, praticamente tiveram sua “liberdade”, mas ao mesmo tempo tiveram que lutar ainda por seu espaço, pois não tinham acesso a emprego digno e nenhum acesso à educação.

Nosso país foi um dos mais rápidos a se declarar “sem racismo”, alguns pensadores dos anos de 1900-1990 declaravam que éramos um país miscigenado e integrado. Por exemplo – Gilberto Freyre (1900-1987) foi um sociólogo que estudava a relações raciais no Brasil, e em 1933 defendia que havia harmonia entre as pessoas negras e brancas. Houve então uma romantização do contexto, quando analisado descobrimos que essa miscigenação foi forçada, onde muitos senhores de escravos (ou pessoas que tinham posições altas e privilegiadas) acabavam estuprando as mulheres negras. Lélia Gonzales define essa problemática como: “a consciência da discriminação racial e sexual enquanto articulação da exploração de classe” (1984, p. 10).

Analisando os fatos, não podemos dizer que na nossa sociedade houve de uma democracia racial, deixando até os dias atuais os negros reservados com uma parcela muito pequena de direitos sociais. De acordo com a autora Nilma L. Gomes em seu texto nos lembra de que para entender como se constitui a identidade negra hoje, é preciso pensar também no setor político, pois:

Tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil (MUNANGA, 1994: 187 apud GOMES, 2005, p. 43).

O discurso de que todos possuem oportunidades iguais é errôneo, seja na educação ou no mercado de trabalho os brancos lideram o espaço. O *mito da democracia racial* é compreendido como uma pretensão de apagar a discriminação racial (GOMES, 2005), originado no racismo e perpetuar estereótipos negativos sobre o ser negro. Seguindo a mesma linha de pensamento, Nilma L. Gomes salienta de modo magistral:

Para analisá-los faz-se necessário ter coragem de encarar e de analisar o Brasil tal como ele é, de fato, sociologicamente e culturalmente, e não nos atermos a uma projeção ideológica do país, presa nas malhas do mito da democracia racial. (GOMES, 2005, p. 44)

Democracia racial não corresponde a nossa realidade, pensar que vivemos numa sociedade amistosa entre as etnias é ignorar todos os fatores que levam as injustiças raciais e abala uma possível relação harmoniosa entre brancos e negros. Vemos que a discriminação é envolta de uma forma encoberta justamente dessa fala, de frases disfarçadas como o famoso clichê “tenho até amigos que são negros” e outros eufemismos. A partir disso cria-se um ciclo de negação, tentativa de se enquadrar em algo que não pertence, depressão por não conseguir, retraindo até mesmo ódio de si mesmo. Essas são consequências de não terem algo real e concreto que podem se basear para a construção da própria identidade e amor próprio, por suas características.

Alguns outros conceitos necessários para a discussão sobre racismo são: Preconceito e Discriminação, que serão explicados a seguir, também são necessários para conhecer e respeitar a diversidade cultural. Afirma Nilma Lino Gomes: “A relação entre ética e diversidade nos coloca diante de práticas e políticas voltadas para o respeito às diferenças e para a superação dos preconceitos e discriminações” (2005, p. 43). Esta observação é para compreendermos que para que haja uma convivência harmoniosa, segura e justa é preciso desconstruir paradigmas que ofenda o próximo ou uma cultura.

- **Preconceito racial**

Preconceito é uma ideia (pré-concebida) que formamos antes de conhecer algo ou alguém. Baseada em um estereótipo negativo sobre característica de um grupo ou indivíduo. Afirma Nilma Lino Gomes (2005) “O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo.” (p. 54). Exemplo: uma senhora e seu neto, ambos negros, entram em um restaurante e pedem um café. Ao que o garçom responde: - O café aqui é meio caro hein senhora. Normalmente o garçom já diria o preço sem hesitar, mas provavelmente resumiu que pela cor da pele eles não teriam dinheiro para pagar o consumo. A Figura 2 demonstra a partir da visão do neto como teria ocorrido o dialogo:

Figura 2: Episódio de racismo discutido em rede social



Fonte: Pretitudes (Site de noticias na rede social - Instagram).

- **Discriminação racial**

Discriminação está ligada ao preconceito quando este atingiu um grau superior, é a ação de tratar os outros com inferioridade. GOMES (2005) assegura “A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito.” (p. 55).

Exemplo: uma adolescente é impedida de realizar o seu batismo na igreja evangélica, devido à desaprovação do pastor sobre o seu cabelo. De acordo com palavras da jovem: “Ele disse para minha mãe que depois que morresse poderiam fazer o que quisessem, mas enquanto ele estivesse vivo iria continuar assim”. Por ter o cabelo crespo, o pastor se

sentiu incomodado e agiu com discriminação não autorizando o batismo da mesma. Como apresenta a Figura 3:

Figura 3: Ilustração sobre a reportagem da adolescente impedida de se batizar



Fonte: Noticiapretabr (Site de noticias na rede social - Instagram).

Contextualizando as imagens, são exemplos de racismo no cotidiano da sociedade. Como na mídia são postos personagens negros, em sua maioria, em uma condição subalterna e até mesmo miserável, cria a tendência de achar que todo negro é pobre. Uma vez que, representações de personagens negros são desempenhados principalmente nas novelas como: faxineiro, motorista, babá; se cria a conclusão de que são capazes e unicamente pertencentes a essa classe social. Essa ideia nasce a partir da desigualdade racial.

Pessoas que possuem cabelos crespos, em toda sua história se depararam com atitudes racistas. E regularmente escutam estereótipos negativos de “cabelo ruim”, “cabelo de Bombril”, entre outras ofensas. O cabelo faz parte da identidade da pessoa, e quando a sociedade age em negação ou repúdio, transforma a ideia que a pessoa tem de si mesma, e como uma pessoa vai conseguir gostar/amar a si própria quando mostram que ela deve odiar suas próprias características. O autor Barbosa desconstrói estes estereótipos negativos através da poesia:

Crespo cabelo trançado com a mais pura graça (...)  
 Apenas poesia e imaginação dos desenhos transborda  
 Criando os mais belos caminhos na carapinha  
 Sedutoramente tecida na raça das tranças  
 (BARBOSA apud CÉLIA, 2005, p. 28)

A identidade é formada e transformada continuamente, de acordo como as representações pessoais são apresentadas. Criamos laços e adquirimos características de acordo com nossas necessidades de buscar pertencimento em algum grupo, e pode ser positivo ou negativo. Como o caso de negar características físicas e a própria cor da pele, quando vemos que estas são o que nos distancia de algo que queremos, ser aceito. Nesse contexto, segundo a autora Nilma Lino Gomes (2003) diz que é preciso entender a simbologia do corpo negro como forma de “recriação e ressignificação cultural”, para discutir sobre nossa história e a importância da cultura afro-brasileira para a identidade dos negros.

Com o auxílio dos movimentos sociais, com os diálogos propostos a partir de suas lutas diárias, veio à atenção sobre a importância da representatividade para estes grupos, pensando de que forma e qual significado é gerado a partir das imagens que são transmitidas quando estes grupos aparecem na mídia. Segundo os autores Moura, Ceccareli e Luz é preciso se atentar qual é a imagem que a mídia incentiva nos ideais da população sobre o negro, já que atingi diretamente na autoestima desse grupo socialmente silenciado:

Assim, os ideais sociais refletidos pela mídia brasileira com relação ao negro brasileiro apresentam uma ruptura de referências identificatórias nos valores culturais assimilados diante dessa não representação nos espaços midiáticos acarretando uma internalização de um modelo simbólico de cultura branca e eurocêntrica que impossibilita as percepções de alteridade na sociedade. Ao mesmo tempo em que essa cultura branca e eurocêntrica é assimilada pelo sujeito, isso pode ser geradora de sofrimentos diante do corte com as bases mitológicas que estruturam o psiquismo do sujeito negro. (MOURA; CECCARELI; LUZ, 2017, p. 06).

Os movimentos sociais promovem debates sobre como a mídia apaga o protagonismo de pessoas negras, decorrente de preconceito. E fazer com que artistas negros ocupem papéis de destaque nas telenovelas mostra o reconhecimento de direitos. Além de inspirar outras pessoas na busca de igualdade e de ocupar um espaço na sociedade. Desse caso, se faz importante a pergunta: quem são nossos ídolos e porque são significativos na construção da nossa identidade?

Para conseguir chegar a uma resposta é necessário analisar de que maneira estas identidades são expostas na mídia meio comercial (filmes, novelas, livros – literatura ou

didático, material escolar, roupas, etc.). Normalmente estas representações para os grupos minoritários são mal desempenhados, devido ao padrão branco eurocêntrico – visto e posto como correto e perfeito, e os papéis que negros aparecem são em sua maioria com estereótipos negativos, como será abordado no capítulo seguinte.

### 3. O PODER DA REPRESENTATIVIDADE

Quando nos esforçamos para lembrar os papéis que foram desempenhados por artistas negros tendemos a nos lembrar dos personagens sendo empregados, motoristas ou criança de rua, normalmente servindo a uma pessoa branca. Esta maneira de representar personagens negros influencia na construção da identidade negra de maneira negativa, pois é difícil gostar das próprias características quando se é ensinado a rejeitá-las. Nilma Lino Gomes pondera:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2003, p. 171)

É devido à representatividade que nos sentimos pertencentes a um grupo, sem querer negar nossa própria identidade para sermos aceitos por outras pessoas. A importância de nos vermos sendo representados por uma única pessoa ou um grupo na mídia, causa em nossas características, sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais, um afeto maior. E sentir-se pertencente a um grupo facilita a troca de experiências, impressões e sentimentos, transformando a convivência de indivíduos numa sociedade mais harmônica e respeitosa.

Quando uma cultura é desvalorizada, excluída ou marginalizada, fica difícil para um indivíduo se reconhecer como sendo pertencente a um grupo. Por isso, quando é visto artistas negros desempenhando apenas personagens subalternos, no consciente das pessoas negras a tendência é que rejeite suas raízes, e tenha problemas também com baixa autoestima e insegurança.

A escola também é um espaço em que situações de preconceito racial aparecem. E isso reforça a denúncia sobre a importância de discutirmos sobre as temáticas de história e cultura afro-brasileira, preparando os estudantes para lidar, inclusive com essa mídia que estereotipa pessoas negras. A autora Nilma Lino Gomes ajuda a refletir sobre essa questão quando revela:

Podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como as outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma. (GOMES, 2005, p. 44)

O ambiente escolar é composto por diversas raças e etnias, transformando-se assim é um espaço amplamente social e de diversidade. Por ser um espaço coletivo, com muitos grupos distintos, a escola deve assegurar um compromisso em garantir a igualdade, respeito e a democracia para todos os alunos. As vivências e as linguagens aplicadas na escola induzem a uma compreensão de valores, conceitos e estereótipos, sobre os grupos sociais. É um espaço, por tanto, de conflitos gerados quando se encontra algo considerado “estranho”, por exemplo – a cultura africana. Torna-se “estranho” a partir do momento que não é apresentado devidamente, quando as histórias são excluídas dos livros, quando a imagem de negro não aparece nos cartazes da escola (sem estereótipos), causando assim uma desvalorização cultural. A autora Francisca Souza, alerta sobre a reprodução do preconceito e que é preciso à atenção dos educadores:

Observamos, ainda, que quando os textos, livros ou histórias se referem à pobreza, violência e outras mazelas sociais, geralmente, os negros aparecem nos personagens, nas ilustrações e no conteúdo do texto, não raro como protagonistas. Isto vale também para os programas de TV, jornais e revistas. Já nos livros de contos de fada, com príncipes, princesas e heróis, a presença negra é praticamente inexistente, predominando aí os personagens brancos, não raro loiros. E isso não passa despercebido das crianças, sejam elas negras ou brancas. É indispensável, pois, que tais correlações não passem, também, despercebidas dos educadores, para que estes possam retrabalhar tais representações em sala de aula e reapresentá-las dentro de um referencial que contemple a diversidade humana e o respeito à pluralidade étnico-racial brasileira. (SOUSA, 2005, p. 110)

Logo, o racismo se expressa também nos meios institucionais, a escola é um exemplo. As pesquisas sobre a escola brasileira denunciam que muitas vezes os materiais didáticos fornecidos nas aulas, que é apresentado para as crianças, são livros didáticos ou histórias infantis em que os personagens são majoritariamente brancos e os negros secundários. Os grupos minoritários são tratados constantemente de maneira subalterno e coadjuvante, e na nossa cultura foi naturalizado tratar como inferior às histórias culturais desses povos. Portanto, Nilma Lino Gomes nos diz que:

Implica construir novas práticas pedagógicas, novos materiais didáticos, abrir debates, estabelecer diálogo com a comunidade negra, com o movimento negro, com os grupos culturais de tradição africana. Talvez assim poderemos conhecer o que os negros pensam sobre a escola e, para isso, não há outra saída senão tomar o negro como sujeito e tentar compreender como ele pensa a educação e a cultura nos seus próprios termos e não a partir de impressões ou especulações alheias. (GOMES, 2005, p. 43)

Esses momentos de afastamento ou desvalorização da cultura negra trazem como consequência para a criança inseguranças, autocensura e negação da própria identidade. A escola como principal meio de socialização tem a obrigação de aumentar a representação de culturas nas produções que serão trabalhadas, promovendo a igualdade racial no dia a dia,



buscando ofertar conteúdos que abrangem a cultura afro-brasileira e africana. É dever do(a) educador(a) (e toda a sociedade brasileira) repudiar todo e qualquer ato de injustiça e discriminação, ensinando aos alunos formas de combater o racismo, tendo como foco uma sociedade mais justa e democrática.

É necessário discutir a sociedade de forma mais ampla e por isso, no próximo tópico aprofundaremos a discussão sobre o papel mídia - grande influenciadora na construção das nossas opiniões - e a importância do tema para atingir os projetos trabalhados na escola.

### **3.1 O que a mídia apresenta?**

Para que se compreenda melhor como as representações expostas moldam nosso sistema e conseqüentemente a construção da nossa identidade se faz necessário discutir a respeito da mídia e a que ela implica. É preciso observar de que forma o negro é apresentado/inserido neste meio. Os ideais de nossa sociedade se baseiam na cultura eurocêntrica. O racismo estrutural garante que os brancos tomem posse de tudo que nos rodeia – economia, política, educação e mídia. E apresentam a partir de suas concepções o que é bonito, aceito e respeitado. A autora Thais Helen ilustra como a mídia tem grande influência sobre a sociedade:

No que diz respeito às Ciências da Comunicação, os Estudos Culturais apontam novas teorias e métodos de apreciação da mídia no contexto social, tais como: a relação da mídia e do conteúdo midiático com o público/audiência, a interação e socialização nas mídias tradicionais e nas novas mídias, Media Literacy, dentre outros. Não obstante isso, a mídia se consolidou como ícone semiótico de mediação política, econômica, educacional e de lazer, sendo indissociável a sua análise e compreensão por meio dos Estudos Culturais (HELEN, 2015, p. 17).

A comunicação humana ocorre também por intermédio da mídia, com seus filmes, séries, telenovelas, jornais televisivos, e hoje com os meios de comunicação midiáticos como as redes sociais - *YouTube, Facebook, Instagram*, etc. Estes meios de comunicação permitem que as pessoas criem e ressignifiquem suas relações com diversos grupos sociais. Neste trabalho será priorizada a discussão sobre a televisão, pois apesar de mostrar uma evolução no protagonismo negro ainda precisa desconstruir muitos estereótipos negativos, além de só deixarem a diversidade racial em segundo plano. Com o histórico de racismo e preconceito no nosso país, devemos investigar como a mídia desempenha os enredos que envolvem artistas negros. Pois, a mídia influencia os consumidores com suas produções, ao mesmo tempo em que também é influenciada pela maneira que o público pensa.

A mídia tem papel fundamental para a formação do nosso imaginário sobre qualquer tema, padrões são expostos e muitas vezes os tomamos como verdades absolutas. Além disso, os comerciais televisivos também têm grande impacto nas idealizações do que é para ser aceito como “norma”. As pessoas crescem com os exemplos que são apresentados na TV. É nesse sentido que se torna importante discutir os rótulos e padrões expostos da TV brasileira, principalmente nas ideologias que reforçam o racismo e seus estereótipos. Como o negro se vê representado?

A discussão sobre a identidade negra é permeada da necessidade de desconstruir rótulos criados por esta indústria televisiva, pois, na maioria das vezes é posta uma imagem negativa das características do indivíduo negro. As representações expostas estão interligadas com o que se pensa sobre o ser “eu”. O que “eu” vejo que parece comigo eu absorvo, e se for negativo acabo criando tensões com minhas próprias qualidades. A mídia reforça o lugar que cada um tem na sociedade. Se vejo um artista negro com quem me identifico sofrendo represálias apenas por sua cor, é instantâneo o pensamento: vai acontecer a mesma coisa comigo? Sou amado ou odiado? Tenho que me odiar? Os espaços que personagens negros exercem nesse sistema são de grande impacto social.

A autora Lélia Gonzales, na década de 1980, já destacava em seus textos a importância de discutir sobre o racismo exacerbado da sociedade brasileira:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, cianice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados (GONZALES, p. 225, 1984).

Seguindo a linha de pensamento da autora, notamos que o negro é exposto somente como personagens subalternos, vemos que existe uma desigualdade social representada nos personagens negros. Os mocinhos e protagonistas se encaixam em um padrão – homem, branco, cisgênero, heterossexual, classe alta. É uma exclusão das minorias brasileiras, brancos são considerados como a normalidade e os que tudo podem. Em filmes/séries, muitas vezes, quando um personagem negro aparece, ele está ligado ao “ser mal”, ou seja, vilão. Na maioria das vezes, são bandidos e comumente tem ligações com drogas, e no decorrer da história estes personagens são apagados, o enredo mata o personagem. Nemézio C. Amaral comenta outros exemplos das representações negras na televisão:

A ficção televisiva destinada ao negro mostra-o quase sempre como escravo, esperando a benéfica ação dos abolicionistas ou mesmo a bondade do seu senhor. Quando ambientado no período contemporâneo, o negro é favelado, bandido, empregada doméstica traficante, ou aquele que “podia estar roubando, mas está trabalhando” (como se lê em alguns textos de jornais, reforçando discursivamente a ideia de que a marginalidade para o negro é muito mais que uma opção, é quase uma certeza). O branco pode ser estereotipado, claro, mas sempre há personagens brancos “bons” que contrapõem o estereótipo negativo (AMARAL, p. 04, 2010).

Como consequências desses exemplos citados acima, a sociedade cria um medo generalizado das pessoas negras, pois são internalizados falsos conceitos sobre a imagem do negro. Outra questão são as personagens de comédia. As pessoas dão risada das situações em que o negro se encontra – como o cabelo, uso de turbante, acessórios, etc. Em alguns casos, quando o negro atinge o protagonismo na TV, telespectadores se sentem incomodados pelo fato do negro aparecer em situações de destaque.

Recentemente, dois homens foram presos por praticarem injúrias raciais contra a jornalista e apresentadora Maju Coutinho. Os homens utilizaram perfis falsos na internet e proferiram falas racistas na página da emissora em que a apresentadora trabalha. A decisão foi assinada pelo juiz Eduardo Pereira dos Santos Júnior, da 5ª Vara Criminal da Capital Paulista que afirma que está discriminação partiu do preconceito contra a raça e a cor da vítima. Para Amaral (2010), este seria o ponto dominante - “A mídia não se identifica com o negro, até porque esta identificação passa por um processo de apreensão afetivo”.

A mídia reforça e reproduz o racismo estrutural da nossa sociedade, visto que são veiculados discursos e imagens sustentando estes estereótipos negativos, normalizando uma superioridade branca. A mídia tem grande influência na formação das opiniões das pessoas, e assume papel de destaque na construção de identidades, mas quando reforça somente os velhos preconceitos causa uma distorção nas nossas concepções. É possível usar a grande mídia como meio de transformação e trazer mais representações positivas numa tentativa de disseminar a luta contra o racismo.

É seguindo nesta perspectiva que os autores Moura, Ceccareli e Luz buscam discutir o racismo na televisão que não permite que o negro desempenhe papéis importantes, visto que esta ação é negada motivada pela cor da pele, causando o seu afastamento:

A ausência do negro ou sua imagem inferiorizada, quando aparece diante das formas de comunicação de massa como as telenovelas brasileiras, séries, propagandas em outdoor, programa de entretenimento, e entre outros produtos produzidos pela mídia brasileira são consequências de uma exclusão social gerado pelo preconceito racial contra as populações negras do país. (MOURA; CECCARELI; LUZ, 2017, p. 02).

Atualmente, devido a atuação dos movimentos sociais, já percebemos um aumento de protagonistas negros, mas em circulações lentas. Ainda é discrepante o quanto artistas

bancos possuem maior relevância nos horários nobres da TV com papéis de destaque. Conforme Amaral sustenta/defende/apresenta/destaca devemos ficar atentos com as produções que exercem de alguma maneira o protagonismo negro, pois:

É nesse contexto que a discussão sobre o negro pode mudar de rumo: não importa saber se o negro aumentou sua participação na mídia – o que, visivelmente parece verdadeiro –, mas como se dá esta maior presença negra em jornais, cinema, música, televisão, rádio. O negro “ganhou” a mídia ou a mídia se readequou para receber as benesses de uma classe média negra, avida de consumo ostensivo, mas deixando-a detrás da cerca de estereótipos historicamente erguida? (AMARAL, p. 23, 2010)

O que a TV mostra é um retrato dos privilégios da pessoa branca, tendo sua concepção estética muito mais valorizada que do que o artista negro. É como se o público já esperasse que o negro aparecesse nas telenovelas em papéis com funções menores. Esse racismo impede que pessoas negras exerçam cargos de protagonistas – representações como: heróis, príncipes ou princesas, jogadores famosos, cantores, profissões bem sucedidas, etc. – por não apresentarem um padrão europeu e ocasionado no apagamento de personalidades históricas do Brasil, devido a pouca demonstração de importância.

A partir de tantos estereótipos racistas, surgem muitas consequências na forma das pessoas negras lidarem com suas próprias atitudes, aceitação e pensamento sobre si mesmo discorrendo de uma carga negativa. Cria-se uma problemática com a aceitação da própria imagem, por somente serem visto em papéis subalternos e propagandas compartilharem somente um padrão único a ser considerado correto. Essa interferência afeta principalmente o conceito de beleza. Além de considerar o branco mais belo e serem colocados no centro, personagens negros quando aparecem também sofrem retaliações devido a sua aparência.

Grada Kilomba trata do racismo cotidiano, denunciando padrões impostos de como e onde o negro irá se apresentar. Estas atitudes promovidas pelo preconceito que se faz presente no cotidiano move a luta dos movimentos sociais que tem a necessidade de se opor a elas. A autora lembra que é necessário defender a minoria negra justamente devido a isto, pois “o racismo é um regime discursivo e não biológico tais equivalências – ausência de sabedoria, ausência de cultura, ausência de história, ausência de inteligência – tornam-se aceitáveis” (KILOMBA, 2019, p. 175).

Existe um direcionamento relacionado à maneira do negro se portar diante da mídia, mulheres negras normalmente aparecem com seus corpos hipersexualizados – quadris largos, bocas carnudas, cintura fina, cabelo alisado ou preso. Os homens negros também sofrem

preconceitos com seus corpos e características – cabelo raspado ou preso, e sem camisa para mostrar o peito musculoso.

É nesse contexto que Moura, Ceccareli e Luz mostram as ideias generalizadas que são concebidas a partir destas reproduções televisivas: “o negro que gosta de samba, mora na favela ou em bairros periféricos, atua no núcleo violento onde há criminalidade” (2017, p. 02). A mídia reflete as opiniões do seu público, mostra o lugar que as pessoas os enxergam, em posições marginalizadas e impulsionando para a violência simbólica sobre os corpos, com atuações machistas e com atos exacerbado sexistas.

É uma luta necessária, mostrar para a sociedade a importância de apresentar referências positivas, para mulheres, homens e crianças negras. Tendo em vista que a imagem tem influência pela mídia, é necessário apresentar personagens que assegurem e influenciem o amor próprio de cada indivíduo com produções que sensibilizem as qualidades, os desejos, a beleza e a força das pessoas negras. Suas histórias culturais devem ser apresentadas de forma a alcançar o máximo de público, pois, com esta invisibilidade social esta minoria teve personagens importantes apagados e criou consequências em outras vertentes sociais, por terem seus espaços e direitos negados, portanto, existe uma dívida cultural e política envolvida.

Quando as pessoas ligam a televisão é preciso ver mais representatividade para as pessoas se enxergarem e se aceitarem como são. No próximo tópico, voltaremos à discussão sobre este termo, conceituando as palavras representação e representatividade.

### **3.2 Elementos que ajudam a construir uma identidade social positiva**

Eu, quando era criança, queria muito poder me ver na TV. E hoje, eu já vejo muito mais de mim nos lugares, sabe? E eu acho que isso é importante, assim... isso é a história da representatividade. A gente precisa se ver nos lugares! Para saber que a gente pode estar onde a gente quiser estar. E isso está mudando, né? (Iza, 2020)<sup>2</sup>

Reconhecer que a mídia tem poder sobre a construção das nossas opiniões sobre algo/alguém é perceber que quando é posto apenas um modelo como correto ignoramos toda a existência e características de outros grupos, deixando estes à margem da exclusão social. Grada Kilomba ressalta essa relação de subordinação, quando afirma:

Memórias, lendas, piadas, comentários, histórias, mitos, experiências, insultos, tudo isso inscrito simbolicamente na superfície das nossas peles, nos dizendo onde sentar e onde não, aonde ir e aonde não, com quem falar e com quem não falar.

---

<sup>2</sup> Fala da cantora Iza, em apresentação em um programa de auditório na televisão.

Nos movemos no espaço, em alerta, através desse esquema epidérmico racial” (KILOMBA, 2019, p. 174)

O trecho que inicia este subtópico é um recorte da fala da cantora Iza, para um programa de entretenimento, onde ela pôde falar sua concepção sobre ser uma mulher negra que tem grande visibilidade e muitas vezes receber mensagens de mulheres e crianças negras agradecendo por ser uma imagem de inspiração. Grada Kilomba define o motivo que leva esta posição de destaque de apenas alguns artistas negros ocorrer: “este status de representar a negritude anuncia o racismo: ela tem de representar aquelas/es que não estão lá, e pessoas negras não estão lá porque seu acesso as estruturas é negado. Um círculo duplo, de inclusão e exclusão” (KILOMBA, 2019, p. 173).

Nessa entrevista, a artista enfatiza que possui uma posição privilegiada, pois, são poucas ainda os artistas negros que possuem destaque na mídia ou que são impulsionados positivamente para o avanço da carreira. A mesma compreende que o preconceito e o racismo ainda persistem em continuar nesses ambientes televisivos (e na sociedade, de modo geral) de maneira velada. Ela percebe que quando aparece em capas de revista consegue motivar outras pessoas negras a se reconhecerem. Grada Kilomba (2019, p. 173) acrescenta que estes mesmos grupos se espelham em artistas, pois eles “representam as/os excluídas/os”.

O que os movimentos sociais buscam é espalhar o conceito sobre representatividade. Esta palavra não é só grande quando falada e sim em toda a sua ideologia e o que ela defende. Essa noção vem sendo defendida assiduamente pelo Movimento Negro Brasileiro. Gomes ressalta também a importância dessa atuação:

O movimento negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante. (GOMES, p. 21, 2017)

De acordo com o dicionário *Michaelis Online*, busco o conceito das duas palavras para poder exemplificar melhor sobre o amplo significado das duas palavras.

Representação: 1. Ato ou efeito de representar (-se); 2. Exposição oral ou escrita de razões, queixas, reivindicações etc. a quem possa interessar ou a quem de direito; 3. Qualquer coisa que se representa; 4. Imagem ou ideia que traduz nossa concepção de alguma coisa ou do mundo. Representatividade: 1. Qualidade de representativo (REPRESENTAÇÃO, 2020).

Para representatividade há poucas informações, comparado com a palavra representação, os dois são muito importantes, mas para lutas antirracistas o termo

REPRESENTATIVIDADE importa muito mais. A partir da contribuição da militância de movimentos sociais, entendemos que o conceito correto para representatividade, seria: 1. Pessoas de todas as cores, raças, corpos, orientações de gênero e sexualidade, terem o poder de decisão; 2. Pessoas de todos os tipos terem papéis de destaques e terem características físicas, comportamentais e culturais reconhecidas; 3. Todas as pessoas terem voz em todos os ambientes.

Ou seja, além de aparecer na mídia artistas negros também são muito importantes para o fortalecimento da identidade, poder discursar e tomar frente a decisões que contêm muito poder (na política ou dirigir algum telejornal, por exemplo) é bem mais representativo, pois, dá a liberdade de se pensar que as pessoas não precisam se moldar para serem ouvidas – eu também sou importante, eu posso alcançar qualquer espaço e ser aceito pelo que sou. Representação é quando pessoas negras aparecem atuando na mídia, e também quando pessoas negras tomam decisões e ocupam os espaços ministrando, é representatividade.

Identidade, representação e representatividade são palavras que estão interligadas. Quando aparece alguém com papel de destaque parecido com os mesmos traços que possuo, consequentemente, crio um laço mais afetivo com minhas próprias características, é também não se sentir sozinho e se sentir pertencente a um grupo, porque eu me espelho naquela representação (desde que o personagem/ator seja positiva e fiel às qualidades e não com estereótipos negativos/exagerados). Esta ligação afetiva ocorre com indivíduos de todas as idades. Se sentir acolhido é importante em todas as fases da vida. Principalmente quando se é criança, pois, acabam se moldando pelo que se é ensinado a aceitar em si próprio – com os desenhos que assistem, brinquedos, imagens apresentadas nos livros didáticos, até roupas estão relacionadas, pois o comércio vende o que se encaixa no padrão desejado.

O título da imagem 04, apresentada a seguir, é um recorte da fala da Miss Zozibini Tunzi, feito assim que recebeu o prêmio de Miss Universo em 2019. Muito importante, pois destaca a importância da representatividade a partir do lugar de fala que a mesma se encontra. A imagem ao seu lado é de uma criança que se identificou, e pediu a sua mãe que também lhe fizesse uma faixa de Miss, pois as duas possuem a mesma cor: são negras.

Figura 4: “Quero que as crianças olhem para mim e vejam seus rostos refletidos nos meus”



Fonte: Quebrando o Tabu (Rede social - Instagram).

Quando uma artista negra tem papel de destaque na mídia isto influencia que outras pessoas parecidas também se sintam capazes de conquistar os mesmos espaços. Vale destacar, que na história, apenas cinco mulheres negras foram coroadas como Miss Universo, por muito tempo a imagem da mulher negra foi apagada ou sexualizada a ponto de negarem qualquer tipo de beleza que o corpo feminino negro possui. A Miss Zozibini ter ganhado este concurso de beleza causou um marco na história da televisão, por justamente poucas mulheres negras terem ganhado e ter motivado a esperança de que mais mulheres negras tenham esta oportunidade num espaço que ainda é dominado majoritariamente por mulheres brancas.

É notável que ainda faltam imagens positivas que exerçam o protagonismo negro na comunicação e na publicidade, a maioria dos espaços são ocupados com pessoas brancas. Isso influencia que a população negra do nosso país tenha uma imagem distorcida e confusa da própria identidade, afetando assim a autoestima, aceitação do próprio corpo, além de afetar setores políticos.

Na infância o impacto dessa falta de imagens positivas gera subsídios para apelidos racistas e atitudes preconceituosas, deixa a criança negra vulnerável pelo modo como a sociedade vê o negro. O racismo que perpetua na nossa sociedade brasileira é uma herança do período escravagista, e aparentemente pessoas brancas continuam se achando superiores ao negro. O inconsciente sofre influências pelo que a mídia compartilha e se for negativa



gera estereótipos negativos a respeito do que este considera “estranho”. Moura, Ceccareli e Luz (2017) reafirma essa relação:

Nesse processo, pelo qual passou o negro diante desse percurso histórico, teve como consequência, o bloqueio no processo de constituição da subjetividade na medida em que possibilidades de identificações são bloqueadas ou invisibilizadas com outros nas relações sociais. A única esfera de identificação possível seria com os outros negros, todos identificados entre si e pela exterioridade social. (MOURA; CECCARELI; LUZ, p. 02, 2017)

Compartilhar, com o auxílio da comunicação midiática, já que tem um poder grande sobre nossas concepções, imagens que apresenta a nossa diversidade cultural a partir dos grupos que mais sofrem represálias justamente por ter menos espaço de se impor - negros, mulheres, indígenas, LGBTQI+ - isto contribui para que as crianças ampliem sua percepção de si mesmo e do seu futuro, ressignificando a imagem que fora criada injustamente a partir do ponto de vista eurocêntrico.

Os movimentos negros buscam ampliar ações que garantem os direitos a produções que contenham narrativas afro-brasileiras para enfrentar as perversidades do racismo da mídia hegemônica. Gomes (2017, p. 16) ressalta que os movimentos sociais são os principais articuladores contra-hegemônicos e atuam para harmonizar as relações políticas e sociais no Brasil. Apesar de serem poucas, as mídias negras têm alavancado discussões a respeito de políticas públicas e ornamentado debates que foquem no crescimento dessa visibilidade negra, fortalecendo os movimentos sociais em se reafirmarem como protagonistas de suas próprias histórias. Gomes (p. 23, 2017) aborda esta questão ao ressaltar que, o Movimento Negro usam a sua organização para articular os indivíduos desse grupo para se fortalecerem e lutarem contra o racismo “e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade”.

O silenciamento de pessoas negras causa represálias, subjuga e agride. Se não discutido acaba por naturalizar esse sistema violento. Devemos ouvir o que o movimento negro tem a nos dizer, pois eles buscam desconstruir esta realidade que machuca e exclui. Explica Nilma Lino Gomes:

O Movimento Negro ressignifica e politiza a raça, compreendendo-a como construção social. Ele reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana. (GOMES, 2017, p. 38)

Dentro desta discussão, é importante lembrar que as imagens representadas diretamente às pessoas negras devem inspirar e consolidar uma identidade que se consolide em ser amável. Que as crianças possam se imaginar se quiser um dia ser: artistas, professores, médicos, bailarinos, astronautas, atletas; que nada os impeça e nem que cause frustrações em alcançar sonhos.

Ampliar esse sistema de representatividade é oferecer para a sociedade redução de desigualdades e ampliação de empatia e equidade. O que se espera de pessoas brancas é o que elas reconheçam os seus privilégios, que não tentem definir o que é racismo ou não, pois, só quem tem o direito de definir isto é quem sofre o racismo diariamente, é respeitar o lugar de fala, e buscar compreender as pautas problematizadas por este grupo marginalizado. A discussão sobre “lugar de fala” implica em grupos privilegiados notarem que se encontram em experiências diferentes de grupos marginalizados, portanto ambos terão visões diferentes sobre as situações vivenciadas. Esta discussão sobre o silêncio de negros, é muito bem explicada por Djamila Ribeiro:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. Estamos dizendo, principalmente, que queremos e reivindicamos que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas também e não somente pela perspectiva de quem venceu, para parafrasear Walter Benjamin, em Teses sobre o conceito de história.<sup>54</sup> Estamos apontando para a importância de quebra de um sistema vigente que invisibiliza essas narrativas. (RIBEIRO, 2017, sem pág.)

Essa concepção desafia a buscar indagar o motivo de por que são poucos os personagens negros expostos nas grandes telecomunicações. Claro que se bem observado e se as pessoas ouvirem o que os movimentos sociais têm a dizer, perceberão que esta discrepância ocorre principalmente pelo tom da pele negra, e quanto mais escuro for menos é a probabilidade de se ter destaque na TV.

Esta invisibilidade na mídia causa efeitos de dor, angústia, autocensura e rigidez. É por isso que a representatividade se faz importante para a construção das nossas identidades, é ver todos os grupos incluídos, é ter referências positivas sobre as características pessoais, é moldar a sociedade e ensinar o respeito, é dar visibilidade para a história do outro. E além de tudo isso é também um ato político, é conquistar/ocupar espaços antes negados com a própria voz, é ser incentivado a liderar e defender os direitos, e principalmente é ensinar a ter autoconfiança.

O próximo subtópico enfatiza a importância de a escola trabalhar conteúdos que abordem as temáticas sociais e culturais no processo educacional dos alunos. Discutindo sobre como articular atividades que trabalhem em favor da identidade negra.

### 3.3 A escola como agente transformador

É na escola que o racismo começa a se propagar nas crianças, este é um ambiente onde normalmente está mais propício para tais acontecimentos. A escola é entendida como um ambiente onde todas as pessoas, que frequentam esse espaço, compartilham seus ideais e por meio de diálogos acabam influenciando outras pessoas a terem o mesmo pensamento. Como bem lembra a autora Nilma Lino Gome “como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade” (GOMES, 2003, pág. 171).

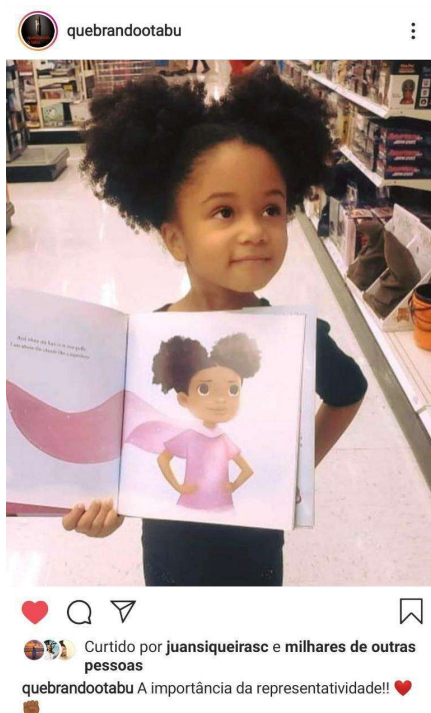
É importante dizer também que não é o único ambiente que ocorre atitudes racistas por parte das crianças e nem os professores totalmente responsáveis, mas se faz necessário lembrar que o racismo não é algo biológico, ninguém nasce racista e sim aprende com atitudes de outras pessoas. Entre as múltiplas identidades encontradas no âmbito escolar deve-se criar práticas que tentem reverter este cenário de preconceitos. Gomes (2003) parece estar atenta a esta disparidade, quando aponta:

Nesse sentido, quando pensamos a articulação entre educação, cultura e identidade negra, falamos de processos densos, movediços e plurais, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais. Processos que estão imersos na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, entre a memória e a história. (GOMES, 2003).

Para dar mais voz a esse público, as minorias excluídas socialmente, e fortalecer a identidade negra, é preciso criar conteúdo que trabalhe e enalteça as qualidades físicas, intelectuais e culturais da criança negra. E usando imagens que contenham representatividade, os movimentos sociais nos mostra que esta temática auxilia na desconstrução de preconceitos raciais. As crianças terão oportunidade de se enxergar de maneira positiva, e contribuir para o conhecimento da sua beleza além destas se tornarem mais preparadas para lidar com a diversidade.

Contextualizando, na Figura 5 a seguir, uma menina segura um livro e mostra a página aberta de uma ilustração que se parece perfeitamente com ela. Nesta figura o desenho é representado provavelmente como uma super-heroína devido à capa esvoaçante. Este é um exemplo de que imagens bem representadas causam impacto positivo na identidade das crianças. Elas se veem como o personagem da história. Como aponta Lopes e Gadêlha (2018) “personagens negros podem despertar sensibilidades, valores e comportamentos” que favorece o bem-estar.

Figura 5: Criança se encontra no livro de literatura infantil



Fonte: Quebrando o Tabu (site da rede social - Instagram).

A escola desempenha um papel importante na construção da autoestima da criança negra, portanto é necessário planejar conteúdos que abordem o respeito étnico racial – com conversas, palestras, livros didáticos com imagens reais (pois os livros didáticos ainda são formados com imagens bastante estereotipadas), histórias infantis que também apresentem o negro como protagonista. Incluir projetos na escola que trabalhe junto com as famílias sobre relações raciais, também seriam ideais assim todos compreenderiam a dimensão dessa discussão. Como nos diz Gomes (2003):

Por isso, ao discutirmos a relação entre cultura e educação, é sempre bom lembrar que a educação não se reduz à escolarização. Ela é um amplo processo, constituinte da nossa humanização, que se realiza em diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nas ações coletivas, nos grupos culturais, nos movimentos sociais, na escola, entre outros. (GOMES, 2003).

Professores podem inserir em seus planejamentos escolares a aplicação da Lei nº 10.639/03 – esta Lei tem como viés estabelecer a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de História da África e Afro-Brasileira, em todo currículo escolar. Todas as escolas têm o dever de associar esses conteúdos no dia a dia da sala de aula. Tendo como objetivo principal promover possibilidades para que as crianças não reproduzam atos racistas. A Lei ainda

institui que tal prática seja atuada nas escolas de Educação básica das redes públicas e privadas de todo o Brasil, e assim valorizar a diversidade étnica e cultural do país. Nilma Lino Gomes aponta que é importante que a escola reconheça que os conteúdos que abordam a cultura africana são necessários para a construção de identidades mais sólidas:

Quando pensamos a escola como um espaço específico de formação, inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, normas, projetos, provas, testes e conteúdos. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las (GOMES, 2003, p. 172).

É interessante que a professora/professor crie um espaço de reflexão e construção de conhecimento para que o aluno busque desenvolver atividades que despertem a curiosidade e a vontade de pesquisar sobre o conteúdo proposto em classe, pois, o debate sobre os direitos da população negra não deve se limitar a um dia. E que ofereça imagens positivas sobre as características de todos os alunos trazendo, por exemplo, fotos de artistas e espalhar pelos corredores da escola; filmes que visam à representatividade; contos afro-brasileiros; conversas com especialistas (sobre turbante, capoeira, trança, costumes, vestimentas). Dessa maneira, os profissionais da educação podem inovar os conteúdos e fortalece cada vez mais para uma construção de identidade muito mais positiva. A Lei nº 10.639/03 é defendida por Matos e Silva (2018) destaca que esta Lei é importante porque luta por igualdades de um grupo que ainda é pouco representado:

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e garantia de direitos, como a educação, passou a ser apoiada exclusivamente pela lei nº 10.639/03, pois esta determinou a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas salas de aula. Com esse reconhecimento implica-se justiça e iguais direitos civis, sociais, econômicos e culturais, além da valorização da diversidade que distingue os negros dos demais grupos da população nacional. (MATOS; SILVA, p. 118, 2018)

É preciso reconhecer que a escola – como um ambiente que visa transformações, ganha mais potencialidade quando todos os funcionários (professores, psicólogos, gestores, assistente social, etc.) trabalham em conjunto. Dessa forma, as crianças ganham uma base de conteúdos mais sólida e assim reproduziram cada vez menos atitudes racistas. Além disso, a luta por igualdade racial desse grupo marginalizado é dever de todos os indivíduos, por justamente conviverem socialmente, e essa é uma luta que precisa ser feita com todos juntos.

As crianças quando se reconhecerem a partir das representações compreenderão o racismo como herança do período escravagista, e se colocaram em situações de força e de enfrentamento contra este sistema opressor que insiste em permanecer. Para isto de fato ocorrer é preciso que os professores utilizem atividade lúdica que dialogue sobre a estrutura

racista, e que exijam que a escola seja mais representativa, com assistências, por exemplo, de livros, brinquedos e filmes com personagens negros. Matos e Silva (2018) ressaltam também a importância da literatura infantil na construção de valores para construção da identidade da criança.

Os professores precisam ter a consciência do quanto é importante e necessário trabalhar com diversas obras literárias contemplando a diversidade étnica e cultural de um povo brasileiro e da humanidade. Para tanto, é necessário que o professor tenha uma formação inicial e continuada que lhe possibilite trabalhar a educação étnico-racial, sob a orientação da lei nº 10.639/03. (MATOS; SILVA, p. 125, 2018)

A formação inicial e continuada de professores tem sido um assunto bastante discutido entre pesquisadores e docentes. É importante repensar e discutir este processo, devido à insuficiência das disciplinas que abordam a história dos negros no Brasil. Por isso é necessário assegurar não só as capacidades e competências necessárias para sua atuação, mas também a contribuição para construção da identidade profissional. Para garantir a prática de conteúdos sobre relações raciais é preciso que os docentes busquem se aperfeiçoar em cursos de formação na área, a fim de evitar equívocos na sala de aula e conduzi-la de maneira eficaz e eficiente.

O desenvolvimento de projetos criados exclusivamente para perpetuar o respeito entre as identidades étnicas só visa contemplar e colher grandes atitudes, se trabalhado de maneira correta com material que abrange a diversidade cultural, seguindo o mesmo intuito que Matos e Silva (2018) nos apresentam “mostrar a beleza e o valor do negro na sociedade” incluindo “o respeito ao próximo” e “a autovalorização das crianças negras”.

Abordar conteúdos que abranjam questões de raça de modo respeitosa numa sala de aula, que inclusive o ambiente escolar tem os alunos dos mais diversos grupos sociais, tende a transformá-los em indivíduos capazes de construir uma sociedade mais harmoniosa e inclusiva. Além de empoderar os grupos que são excluídos socialmente, criando artifícios para que estes construam identidades mais fortalecidas. Profissionais da educação devem se atentar a estas questões e defenderem uma educação com mais representatividade, focando em uma sociedade mais justa e igualitária.

#### 4. O COMPORTAMENTO INFANTIL DIANTE DA DIVERSIDADE RACIAL

O sentido deste trabalho consiste em mostrar a dimensão de debater a importância da representatividade para os grupos minoritários, focando principalmente em pessoas negras. Este processo exige que seja discutida a temática de maneira séria e responsável, para evitar conflitos maiores e sensibilizar alunos e professores de que este tema, apesar de estar presente nos dias atuais é necessário defendê-lo, assim como rebater as práticas racistas na instituição de ensino, visando uma convivência mais justa e harmoniosa de todos os grupos sociais. Visto que a escola é considerada uma parte importante para o desenvolvimento da nossa humanização, cabe refletir sobre a citação de Nilma Lino Gomes (2003), quando a intelectual pondera:

A escola é vista, aqui, como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. É essa visão do processo educativo escolar e sua relação com a cultura e a educação – vista de uma maneira mais ampla – que nos permite aproximar e tentar compreender melhor os caminhos complexos que envolvem a construção da identidade negra e sua articulação com os processos formativos dos professores e das professoras. É também essa visão que nos possibilita compreender a presença da dimensão educativa em diferentes espaços sociais e não somente no interior da escola. (GOMES, 2003)

Como um espaço de construção e reflexão a escola tem o papel fundamental na desconstrução de preconceitos, sempre que possível convidar os alunos a refletir sobre cultura, identidade, racismo e respeito. Nesse contexto, Glauber Kenner e Mônica Gadêlha diz que é preciso não esquecer que: “a escola é um importante espaço em que se dá início a construção da subjetividade das crianças negras, concretizando-se os primeiros sinais de preconceito em suas experiências” (KENNER, GADÊLHA, p. 71, 2018).

Com a finalidade de envolver o saber teórico com a realidade, esse capítulo será pautado nas experiências obtidas por meio da observação participante, oficinas, roda de conversa e entrevista (com questionário semiestruturado) com uma professora. Por isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, pela forma do trabalho de campo oferecer uma experiência pessoal melhor em amostras de sensibilidade, buscando sentimentos e ouvindo vivências das crianças e da entrevistada.

A pesquisa de campo foi desenvolvida na Escola de Educação Básica (EEBAS), localizada no Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com duas turmas selecionadas, uma do 1º ano e a outra do 3º ano, ambas do Ensino Fundamental. Para que a

pesquisa fosse plenamente participava, foi necessário incluir conhecimentos prévios dos alunos, valorizando sua cultura e relações pessoais. Conteí com a autorização da gestora, que de portas abertas e total acolhimento me recebeu e prontamente me apresentou a professora que seria entrevistada. Esta, também, deu todo o apoio e liberdade, para as perguntas e oficinas que foram realizadas com os alunos.

- Alunos/ sujeitos da pesquisa: 1º ano (5/6 anos) e 3º ano (8/9 anos), são alunos brancos e negros (sendo a maioria negra), alguns alunos vieram de escolas particulares e outros estudaram em escola pública, são alunos de classe baixa e classe média.

Vale salientar que a EEBAS fica localizada no bairro do Castelo Branco na cidade de João Pessoa, Paraíba. Funciona nos turnos manhã e tarde, e atende as crianças que moram no bairro e os filhos dos funcionários da UFPB, são alunos de classe baixa e classe média. Seu quadro de funcionários compõe desde psicólogas, assistente social, nutricionistas, enfermeiros e os professores necessariamente possuem mestrado. A contratação é por meio de concursos, onde os editais são disponibilizados no portal de Centro de Educação (CE) da própria universidade. A pesquisa de campo se deu no período em que fui estagiária no Programa Residência Pedagógica<sup>3</sup> (PRP), por isso, o que também foi o motivo da escolha desta escola, tive uma abertura e facilidade maior para adentrar nesse ambiente.

Diante do exposto, as oficinas temáticas – onde foram construídos cartazes e quadros de pintura – foram escolhidas por oferecer um envolvimento mais atento e participativo dos alunos. Elas também contribuem para o desenvolvimento educacional, podendo valer em diferentes habilidades. Fontana e Paviani (2009) relatam que as oficinas pedagógicas são propostas:

A partir de uma negociação que perpassa todos os encontros previstos para a oficina, são propostas tarefas para a resolução de problemas ou dificuldades existentes, incluindo o planejamento de projetos de trabalho, a produção de materiais didáticos, a execução de materiais em sala de aula e a apresentação do produto final dos projetos, seguida de reflexão crítica e avaliação. As técnicas e os procedimentos são bastante variados, incluindo trabalhos em duplas e em grupo para promover a interação entre os participantes, sempre com foco em atividades práticas (FONTANA; PAVIANI, 2009, p. 79)

---

<sup>3</sup> O Programa Residência Pedagógica foi instituído a partir de 2018, pelo Ministério da Educação, por intermédio da CAPES, sob a Portaria GAB Nº 38, DE 28 DE FEVEREIRO DE 2018, visando o aperfeiçoamento do estudante no curso de licenciatura.



Os critérios para a análise foram pautados na interação e motivação dos alunos frente às atividades propostas. Portanto, a aplicação das oficinas temáticas para os alunos foi de suma relevância, por ter proporcionado uma boa interação com os trabalhos que foram realizados em grupos juntamente com as rodas de conversa, onde teve a participação ativa de todos.

#### **4.1 Dinâmicas com as crianças**

Enfrentar o racismo e o preconceito racial ainda é uma tarefa encontrada nessa geração. Sabemos que as crianças reproduzem atitudes copiadas ou ensinadas de pessoas que estas admiram, e com o racismo não seria diferente. Se em casa, na escola ou na mídia os valores são de intolerância, ofensas disfarçadas de “brincadeiras” que não são repreendidas, a criança absorve e os naturaliza. Além destas atitudes, se o (a) professor (a) não ministrar aulas sobre a cultura afro-brasileira e africana, como já é garantido pela Lei 10.639/03, fica difícil afrontar o preconceito racial. De que maneira uma criança negra poderá encontrar um significado positivo na sua história se a mesma não se encontra nos espaços em que frequenta?

Esta é uma missão que todos os profissionais da educação devem embarcar, é perceber que metade de sua classe (ou a maioria) não é representada nos conteúdos abordados em aula. Procurando materiais que resgatem a nossa cultura e favoreçam a autoestima das crianças negras, para que cresçam e compreendam a luta dos movimentos sociais e se fortaleçam juntas e capazes de defender os seus direitos. Sobre esta abordagem mais séria quando tratado o racismo em sala de aula, Nilma Lino Gomes nos lembra:

Dessa forma, se queremos lutar contra o racismo, precisamos re-educar a nós mesmos, às nossas famílias, às escolas, às(aos) profissionais da educação, e à sociedade como um todo. Para isso, precisamos estudar, realizar pesquisas e compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira e aprender a nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como esta se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros (GOMES, p. 49, 2003)

Pensando nisso, para avaliar se os alunos reconhecem a presença de artistas negros na mídia (na música, no teatro, no cinema, no desenho, etc.), propus algumas dinâmicas e oficinas que os fizessem pensar sobre este assunto. Como foram duas turmas de idades diferentes, tive que pensar em atividades que pudessem trazer o debate de maneira responsável e compreensível para todos, e que lhes fosse atrativa. Para o 3º ano, foram necessários dois dias para poder ministrar os debates e oficinas, o primeiro momento ocorreu

no dia 20 de novembro e o segundo momento no dia 25 de novembro. Para o 1º ano utilizei apenas o dia 04 de dezembro.

- Dinâmica, 3º ano – 20 de novembro.

A primeira dinâmica do 3º ano foi realizada com 16 alunos, de início contei que diria algumas histórias e eles deveriam desenhar os personagens. Em todas as histórias eu não disse nenhuma característica física, os alunos que escolhiam como os personagens seriam, como a cor da pele, cor e tipo do cabelo, tamanho, etc.

As histórias foram desenvolvidas no momento, os detalhes dependiam do que os alunos ficavam mais atentos. As histórias eram pautadas em: princesas/príncipes, eu contava que este personagem era muito rico(a), possuía grandes terrenos, era muito admirado(a) e também muito inteligente. Outra história contada foi sobre um atleta esportivo, este personagem já havia ganhado muito prêmios, por isso era também muito rico(a) e muito famoso(a). Por último, desenvolvemos uma história sobre cantor/cantora, este personagem estava em uma turnê muito grande e isso fazia com que viajasse por todas as partes mundo, também já havia ganhado muitos prêmios e era muito aclamado.

Era sugerido um determinado tempo para cada desenho que, aliás, era feito simultaneamente com a contação de história, aparentemente isso instiga os alunos a se comprometerem em completar a tarefa. E eu sugeria que era importante desenhar todos os detalhes possíveis, incluindo a pintura, pois isso facilitaria compreender que cor de pele, por exemplo, a criança optaria para aquele personagem. Importante lembrar que estavam dispostas na mesa do professor todas as cores, ou seja, a criança poderia pintar uma pessoa “branca ou negra”, pois as cores estavam disponíveis.

Temos que lembrar que a discussão de tom ou cor da pele é muito importante numa sala de aula, pois, é preciso desconstruir o conceito que só o rosa é considerado “cor de pele” e sim o tom marrom e preto da caixa de lápis também, pois vivemos numa sociedade miscigenada e todos os alunos têm que se sentir incluídos. Nas lojas de material escolar já é possível encontrar caixas de lápis ou giz de cera dedicados exclusivamente para tons de pele, facilitando esta antiga e atual problemática da sala de aula. Os educadores devem ficar atentos nessas declarações, pois afetam negativamente a identidade pessoal do aluno negro, e quebrar este paradigma de uma cor da caixa de lápis (o rosa) ser considerada a única nomeada como tom de pele. Nilma Lino Gomes indica:

esse tipo de cerceamento da liberdade da expressão estética e corporal do negro, sobretudo da mulher negra, demonstra que continuamos mergulhados nas malhas

do racismo e do preconceito racial. Na realidade, o que pode parecer uma simples opinião ou um mero julgamento estético, revela a existência de uma tensão racial, fruto do racismo ambíguo e do ideal do branqueamento desenvolvidos no Brasil. (GOMES, sem pág, 2003).

Depois de realizada esta atividade, eu sugeri que todos olhassem os próprios desenhos e também os desenhos feitos pelos colegas, buscando a seguinte informação: quantos personagens negros apareceram nos desenhos? Todos instantaneamente começaram uma busca e perceberam que não tinham feito, eles mesmos incrédulos contaram “SÓ TEM 3, TIA”. A problemática aparece porque cada aluno teve que desenhar 3 personagens, num total de 16 alunos foram feitos 48 personagens, e desse total só 3 personagens negros foram desenhados.

Infelizmente esse já era um resultado esperado por mim, pois, a um simples olhar pela sala (material escolar, mochila, roupas que os alunos estavam vestidos) eu já havia percebido que as temáticas contavam com personagens majoritariamente brancos, e eles desenhariam o que eles possuem como exemplo e suas representações mais próximas. Essa problemática é composta justamente pelo processo de silenciamento e apagamento de grandes histórias onde o negro é protagonista, seja dentro da escola ou na sociedade (TOLENTINO, 2018). Esse momento em que os alunos perceberam que poucos haviam ilustrado artistas negros foi propício para dialogar sobre diversidade cultural, racismo, preconceito e representatividade da nossa cultura. Na Figura 6 e na Figura 7 a seguir estão os três personagens negros que foram ilustrados pelas crianças.

Figura 6: Desenhos dos alunos, atleta e cantor bem sucedidos



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, novembro de 2019.

Figura 7: Desenho sobre o personagem, cantora inspirada na Iza



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, novembro de 2019.

Assim que abri a roda de conversa, apresentei imagens de artistas negros que os alunos poderiam ou não conhecer, para que eles numa próxima vez que fossem desenhar algum personagem baseado na vida real pudessem também escolher, lembrando a eles que existem muitos artistas negros importantes. Quando eu ia apresentando as imagens eu percebia os olhares atentos dos alunos, e pelos gritos eufóricos eles reconheciam alguns e ficavam frustrados porque haviam esquecidos deles na hora de desenhar, como a princesa Tiana, Moana ou o *Cyborg*.

As crianças consomem muitos filmes/séries e sempre aparecem personagens novos, mas é importante analisar qual é a representação que mais aparece nesses conteúdos. Perguntado para as crianças, as respostas mais comuns foram: Frozen, Lucas Neto, Jolie, Batman ou Homem Aranha e Barbie. Teve também a artista Anitta e os jogadores de futebol Neymar e Gabigol, estes últimos vejo como importantes porque muitos alunos se identificam, e se for analisar pode ser sim pela cor de pele. Também temos super-herói negro, o Pantera Negra é um exemplo, apesar de ainda ser um número bem raso comparando com personagens brancos. Não podemos esquecer que ele está ali e que traz uma carga muito significativa para

a construção de uma imagem mais empoderada da criança negra. Nosso dever é trazer para o aluno este universo, apresentando e falando, pode até virar assunto repetitivo, mas é com o objetivo do aluno não se esquecer de que ele também é importante, e que artistas negros também podem ser destaques na mídia.

Coincidentemente a primeira dinâmica ocorreu no dia 20 de novembro, dia em que se é lembrada a luta e resistência dos negros e principalmente de um dos fundamentais líderes, Zumbi dos Palmares. Quando mostrei a imagem do Zumbi dos Palmares às crianças, elas o reconheceram, e disseram que a professora já havia ensinado na sala de aula. Olhando nos corredores da escola, observei varias atividades que remetiam ao mês da consciência negra, várias atividades diferentes construídas pelos alunos estavam expostas. Conversamos sobre o que eles sabiam sobre e me disseram “ele foi quem ajudou os escravos a se sentirem mais livres”. Segundo a autora Nilma Lino Gomes:

A comemoração do dia 20 de novembro vem se transformando em um movimento mais amplo, e atualmente, em alguns municípios brasileiros o mês de novembro se transformou no mês da consciência negra. Este tem sido um mês de constantes eventos e discussões sobre a superação do racismo, realizados pelo Movimento Negro, pelas escolas e pelos órgãos de governo (GOMES, p. 108, 2017)

Trabalhar o 20 de novembro é essencial para a quebra de preconceitos e atitudes racistas, conversar sobre a contribuição deste dia com a luta dos movimentos sociais, fará com que os alunos se sintam mais à vontade para dialogar e defender quando se encontrarem numa situação preconceituosa. Como considerado por Gomes (2017) esta ideia de se trabalhar o 20 de novembro na sala de aula é uma conquista e tanto no processo de conscientização e mais uma vitória do Movimento Negro.

O que percebi nessa sala de aula, foram alunos motivados em combater atitudes racistas e interessados em refletir sobre o porquê da falta de artistas negros. Quando se é trabalhada essa temática na sala de aula a professora ajuda a criar identidades mais positivas e consequentemente estes alunos poderão colocar em prática uma sociedade mais justa e respeitosa, só é necessário lembrá-los de que são capazes.

- Oficina, 3º ano – 25 de novembro.

Para concluir a conversa sobre grandes artistas negros que temos presentes na nossa cultura, resolvi propor a construção de cartazes utilizando as imagens que trouxera na minha última visita. Pedi que os alunos fizessem uma roda no chão, colocassem as cartolinas, as imagens e também jornais no meio da sala. Os jornais foram utilizados para que os alunos pudessem procurar frases ou palavras que, na opinião deles, resumissem o assunto

trabalhado. Escolho este tipo de oficina por criar um laço afetivo maior entre a atividade e os alunos, quando se é trabalhado dessa maneira os alunos se sentem à vontade para poder conversar e assim concluírem juntos opiniões mais reflexivas por meio da socialização de saberes.

Durante as colagens das imagens e das palavras, numa tentativa de instigar o assunto, eu os questionava sobre o porquê aquelas palavras estavam sendo escolhidas por eles. Por exemplo, as palavras ‘Brasil de Fato’ que estavam na mão de um aluno, este me disse:

*Eu achei essa palavra bonita, acho que combina com todos os artistas e também porque nosso país tem pessoas negras e brancas e que todas merecem nosso respeito (ALUNO, 3º ano)*

São frases como esta, dita por eles, que percebo que vale a pena trazer conteúdos que eduquem para a diversidade. Isso fortalece para que as crianças cresçam e compreendam de forma prazerosa que para se ter uma sociedade mais igualitária precisamente devem ser mais respeitosos uns com os outros. As atitudes que são vistas nos professores são absorvidas e reproduzidas pelas crianças, pois, eles nos veem muitas vezes como exemplos, por isso é importante abordar conteúdos que questionem práticas racistas. Como afirma Luana Tolentino: “a adoção de praticas de ensino antirracistas é condição necessária para o estabelecimento de uma educação democrática, pautada pela igualdade de oportunidades e pelo respeito à pluralidade”(TOLENTINO, 2018).

Outra palavra que também questionei foi ‘FORÇA’, então ele me respondeu:

*Tia, não sei direito, mas acho que por causa das lutas dos negros (ALUNO, 3º ANO)*

Observo que são palavras que estão mesmo relacionadas à luta dos movimentos sociais, e são palavras que os próprios alunos puderam escolher. Apesar de não darem uma explicação mais concreta, continua tendo um significado bem simbólico, pois estas palavras podem estar em seus subconscientes decorrentes de conversas e debates ocorridos na sala de aula e com os projetos espalhados nos corredores da escola – devido ao mês da consciência negra a escola produziu, junto com os alunos, projetos como: África, Projeto Identidade Negra, o Cabelo de Lelê e Menina Bonita do Laço de Fita. Na Figura 8 encontra-se o resultado dos cartazes feitos em construção conjunta dos alunos, na oficina que ministrei na turma do 3º ano:



lembram de que devemos trabalhar na construção de práticas pedagógicas no intuito de despertar nas crianças o prazer de conhecer a cultura afro-brasileira e africana, e assim elas terem o domínio e defenderem seus direitos. Pensando nessa lógica, resolvi aplicar a mesma temática, mas com abordagens diferentes na turma do 1º ano, com atividades que atraísse a atenção e fossem concluídas. Foram precisos três momentos: no primeiro, eles desenhariam qualquer personagem que gostassem mais; no segundo, eu apresentaria o cartaz que foi construído na turma do 3º ano e por último, eu faria uma abordagem mais dinâmica sugerindo que as crianças escolhessem a cor que elas se identificassem para uma pintura.

Por já ter trabalhado como estagiária anteriormente, eu possuía um vínculo com a turma do 1º ano e nessa sala eu ouvira relatos que me causara aflição. Certa vez, a professora da turma comentou que um aluno (negro) era adotado, mas não se reconhecia como negro por ter pais brancos, nesta mesma hora ela o chamou (era aula sobre a consciência negra) – ‘D. qual cor você se identifica?’ quando ele a respondeu: ‘Se olhar aqui ó, (mostrando a palma da mão) sou quase branco, professora’. Este aluno nega sua identidade, possivelmente, por ter sido ensinado a achar que o branco é o mais aceito e mais natural. Este foi um dos motivos que me levaram a aplicar uma pequena intervenção na turma.

O primeiro momento foi pensando em deixar os alunos à vontade para poderem conversar, por isso sugeri que fizessem um desenho sobre quem eles mais gostavam de assistir, e o que eles mais gostam de fazer. Quando terminado, eu fui analisar as características que mais apareceram, e novamente foram: brancos, loiros e de cabelo liso. Não problematizei, mas trouxe para eles, já no segundo momento da pesquisa, o cartaz cheio de artistas e personagens negros. Eu disse para eles que estes eram os meus personagens preferidos e os chamei para conferirem mais de perto. Todos instantaneamente vieram correndo e começaram a apontar quem eles já conheciam, quando perguntados o porquê de não terem desenhado alguém parecido com os que estavam no cartaz, a resposta que mais apareceu foi: ‘esqueci tia’.

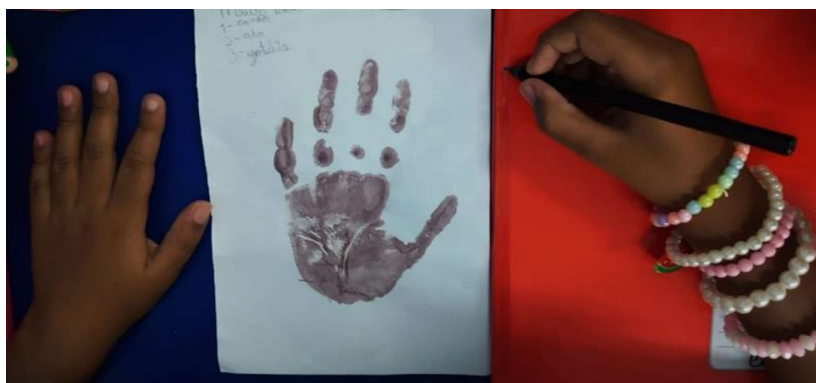
O objetivo dessa atividade era mostrar que pessoas negras também podem ser famosas e terem papéis de destaque na mídia, o cartaz apareceu como meio de lembrá-los que ser protagonista é um papel que todos podem alcançar, independente da cor de pele. Para ainda ver qual era a noção que os pequenos tinham daqueles artistas expostos na sala, questionei o que todos aquelas pessoas tinham em comum, para a minha surpresa e admiração, uma aluna me respondeu gritando:

*EU JÁ SEI, ELES TÊM TALENTO TIA! (ALUNO, 1º ANO)*



Por fim, foi entregue para cada criança uma folha sulfite onde elas pintariam a palma da mão, e como “carimbo”, aplicariam na folha. Levei tinta guache e misturei algumas cores para que ficasse o mais próximo possível do tom de pele de cada um, eu sugeria que cada criança escolhesse a tinta com a cor que mais se identificasse. E poderiam escrever o nome de três artistas ou personagens que mais gostassem. A Figura 9 mostra a atividade da aluna que nomeou os artistas do cartaz como “famosos” e “talentosos”:

Figura 9: Com qual cor me identifico?



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, dezembro de 2019.

Os professores precisam ministrar conteúdos na sala de aula que permitam aos alunos conhecerem as contribuições de diversos artistas negros na nossa cultura, principalmente nos meios de comunicação. A educação sobre a cultura afro-brasileira não é somente direcionada para alunos negros, pois todos independente do grupo social, são responsáveis pela construção de uma sociedade mais harmoniosa, por isso, práticas pedagógicas antirracistas se fazem necessárias, como nos lembra Luana Tolentino:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra interessa não apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. (TOLENTINO, 2018)

Ao adotar este método, tento chamar a atenção das crianças de maneira mais lúdica e que permita uma abordagem mais compreensível para a idade, mas não deixando de questionar as práticas racistas que passam muitas vezes despercebidas nas instituições de ensino. Podemos afirmar que saber como falar sobre este assunto requer o domínio do professor, e assim construir práticas e estratégias que visem a superação do racismo e da desigualdade racial.

## 4.2 Entrevista com a professora

Nesta seção, busco apresentar uma entrevista realizada com a professora do 3º ano, e apontar alguns pontos essenciais que a entrevistada lembra em suas falas, como: racismo, representatividade racial, privilégio branco, estereótipos racistas e a importância da Lei 10.639/03. Apresento a seguir o perfil da professora, que foi traçado de acordo com suas falas, com o intuito de nortear em que posição social a entrevistada se encontra e como a sua história norteia as suas respostas.

- Entrevistada: é professora, se considera como uma pessoa não branca, heterossexual e casada, sempre estudou em instituições públicas, é mestranda no Programa de pós-graduação da UFPB, trabalhou em uma escola particular e atualmente leciona na EEBAS.

Discutir sobre identidade - enquanto este conceito é reconhecido como amplo e complexo - é um processo no qual não se pode desconsiderar as questões pessoais e sociais do indivíduo e os caminhos e decisões que o fizeram se reconhecer pertencentes a algum grupo social. Nesse sentido, a entrevistada foi indagada com a seguinte questão: “Você se identifica com qual grupo étnico/racial?”. Para responder esta pergunta, a professora buscou refletir sobre toda a sua trajetória de vida e fez conexões com saberes adquirido recentemente numa aula sobre relações raciais.

**Prof.<sup>a</sup>:** *Eu não me identifico como branca, na verdade. E nós tivemos umas aulas com a estagiária residente, e ela disse que não existe moreno e também nem pardo, então ou você é branco ou você é negro. Então eu me considero negra, apesar de que muitos podem me considerar branca. Mas como eu me considero assim? O meu pai é negro, então toda a família do meu pai também é negra, já a família da minha mãe já é um tom de pele mais clara, mas que também não chega a ser branca. Então eu acho que no Brasil, na verdade, são poucos os que verdadeiramente são brancos. Mas infelizmente muitos mesmo não sendo brancos se dizem como sendo branco. Eu não me identifico hoje, depois de algumas aulas que a gente teve, pesquisando, e tentando conhecer um pouco mais sobre isso, hoje eu me identifico como uma pessoa negra, devido toda a minha origem e toda a minha história de vida.*

No comentário da professora pode ser compreendido que sua família é inter-racial, quando existem integrantes negros e brancos numa mesma família, nesse caso seu pai é negro e sua mãe tem a pele um pouco mais clara, de acordo com a declaração da entrevistada. Lia Schucman, doutora em Psicologia explica que essa relação é classificada como: “a desconstrução do racismo em sujeitos brancos” (SCHUCMAN, 2018, p. 61). Mas apesar da

professora entrevistada se identificar como sujeito negro, é importante lembrar que ela encontrará muitos privilégios, justamente por sua pele ser mais clara. Isto significa que, quando compreendido este privilégio branco, é necessário ensinar a outras pessoas brancas as barreiras que os negros enfrentam no dia-a-dia, se comprometer em ampliar o lugar de fala dos negros e sempre confrontar as injustiças raciais. Perguntei para a professora se na escola em que trabalha existia racismo, ela respondeu:

**Prof.<sup>a</sup>:** *Eu acho que seria até irônico dizer que não existe né, o racismo. Eu acho que o racismo ele já existe a partir do momento que você nega. Então no momento que você nega o racismo você já está sendo racista, porque na verdade existe e não só aqui, mas no Brasil como um todo. Existe entre as crianças, e às vezes até uma brincadeira já é uma forma realmente de racismo, de discriminação, ainda que seja muitas vezes involuntária, de forma até automática mesmo. Você está tendo sim atitudes que precisam ser revistas e precisam ser repensadas, mas que com certeza existe, não só aqui, mas em todos os espaços, infelizmente.*

Precisamos entender que o racismo está presente em todos os ambientes que nos rodeia, não adianta dizer que não é racista, em algum momento será praticado algum discurso ou ato racista. O importante é admitir, analisar e se corrigir, e sempre ouvir as pessoas negras, o movimento negro traz as concepções do que são consideradas práticas racistas e como são os sujeitos que, frequentemente, passam por injúrias raciais, logo este grupo define o que é considerado racista. Os educadores precisam observar que estas atitudes preconceituosas, que ocorrem em escolas e universidades, devem ser pautas para debates, estes ambientes são propícios para discutir esta temática. É muito importante partir para a ação e repudiar todo e qualquer tipo de discriminação (GOMES, 2003).

Nessa perspectiva, ao ser indagada, como o negro era posto nos livros didáticos, a professora interpreta:

**Prof.<sup>a</sup>:** *Nos livros didáticos, quando a gente vê, por exemplo, na parte de história – a gente vê sempre aquela parte dos escravos, mas não trás nada da atualidade, do que eles conseguiram alcançar, dos espaços que eles conquistaram isso não aparece no livro didático. Então, cabe a mim como professora tentar buscar elementos para que a gente possa compreender a figura do negro hoje na sociedade. Então como esse negro é visto hoje na sociedade? Mas infelizmente, o material didático deixa muito a desejar, muito mesmo a desejar.*

Esse relato só reafirma o que o movimento negro discute: a escola é uma instituição cultural, onde ocorrem relações entre muitos grupos sociais, e é dever deste ambiente educacional introduzir conteúdos que abordem a história de todos os seus alunos, para assim,

ter um espaço democrático, inclusivo e respeitador. Quando o preconceito se manifesta na escola, pode também se manifestar nos livros didáticos, por exemplo, na ausência de personagens negros ou com as imagens estereotipadas. Assim, com as ausências de histórias positivas do povo negro a criança negra cresce tentando se moldar no padrão imposto – o eurocêntrico. Nesse sentido, questiono a professora como as crianças se veem representadas na sociedade (com os personagens/artistas que são apresentados para as elas). Ela reforça a existência da desigualdade:

**Prof.<sup>a</sup>:** *Na minha sala, vou dar um exemplo, eu tenho uma aluna que ela é negra, só que ela não se vê como negra, e ela diz que ela não é negra é só um pouquinho mais escura, 'sou quase branca'. Olha a falta de você se identificar e assumir a sua origem, mas isso já um trabalho porque a mãe já tem todo esse processo de negação, não é só criança, então ela já traz todas essas concepções realmente de casa. E quando você viu naquela atividade que você fez para desenhar uma princesa 90% dos desenhos foi uma mulher branca e de cabelo loiro, então a princesa que eles têm na mente não é uma mulher negra de cabelo cacheado, é uma mulher branca de cabelo loiro, então isso já diz muito também. E o que a gente vê também nos desenhos, eu não vejo muitos desenhos, mas nos desenhos que eles falam e as concepções mais ou menos que eu vejo ainda falta muito, falta realmente à realidade do nosso Brasil, a diversidade que é nosso Brasil, e tem que estar presente nas imagens, nos desenhos, em tudo isso. Até nos filmes sempre quem é os mocinhos, quem é? É o homem branco "bonito" pra sociedade, porque na verdade o que é bonito? É o que a sociedade diz que é bonito? A gente vive numa concepção que a sociedade impõe determinados conceitos, hoje começasse a se ver um negro sendo médico, até mesmo nas representações das novelas e tudo mais, até no jornal que depois de séculos e depois de muita luta hoje você consegue ver um apresentador, mas também é 1 pra mais de 100.*

É possível observar com esta experiência que as crianças têm o padrão branco como correto e mais belo, e quando os negros desempenham papéis com pouco destaque isto influencia a criança negra e cria uma imagem distorcida do real, refletindo diretamente na sua autoestima, como é o exemplo da aluna negra na fala da professora. As crianças ilustraram como “personagens bem sucedidos” pessoas que são brancas, possuem cabelo liso e loiro, são fatos que determinam que a cultura eurocêntrica seja a única posta como aceita. Temos que observar que o motivo disto é a falta de representatividade racial na mídia e nos livros didáticos. Sobre a influência da mídia, a professora comenta:

**Prof.<sup>a</sup>:** *E hoje pensando pra parte do racismo muitas coisas que são postas pra vender, tudo tem uma influência e muitas vezes é uma influência que na verdade é negativa pra criança, faz com que a criança realmente passe também a negar e fortalece na verdade o discurso de negação de uma pessoa negra.*

Convém preparar conteúdos que trabalhem a autoestima das crianças, mostrar que há espaço para todas, que não precisam se moldar e sim, que precisam aceitar suas características individuais, reforçando com materiais que resgate a memória da comunidade negra. Caso contrário, os alunos negam suas identidades pessoais, terão desempenhos baixos na escola e se tornaram adultos inseguros (TOLENTINO, 2018). Os professores têm um papel fundamental para que estas atitudes positivas se concretizem. A professora ressalta este desafio:

**Prof.<sup>a</sup>:** *Todos os conteúdos na verdade estão enraizados, por exemplo, nós trabalhamos recentemente – que foi até o tema do nosso desfile cívico e da mostra do nosso conhecimento – foi à cultura nordestina, e toda cultura nordestina ou grande parte dela, tem a sua história enraizada nos escravos, no pessoal africano. Então assim, você buscar essa história essa comida, qual a história dessa comida? Qual a história da nossa culinária hoje? Onde foi que surgiu? Então tentar buscar e valorizar principalmente esses povos é fundamental mesmo.*

Seguindo nesta relação, sobre trabalhar para promover o debate cultural e superar os preconceitos na escola, a entrevistada reportou sobre a Lei 10.639/03, que garante nas diretrizes curriculares a educação das relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileira.

**Prof.<sup>a</sup>:** *Acho fundamental, na verdade foi um grande avanço na educação, foi à criação dessa lei. Muito era esquecido e ainda é esquecido na verdade, e a gente tem que ver a nossa origem, a nossa raiz, qual é a nossa história realmente, como está a nossa história, a gente tem que realmente tentar buscar, porque a partir do momento que você nega é porque talvez você não conheça ou então você conhece só a parte ruim daquela história, você não conhece a história como um todo. Pra quando você nega algo também está embutida alguma coisa que você não conhece, quando você nega e rejeita sem nem conhecer. Eu acho que essa lei ainda que não esteja de certa forma, porque já ensinei em muitas escolas municipais, ainda que ela esteja começando, já tem vários livros, já trabalhei sobre isso, tivemos algumas formações, no caso o município, mas que ainda tem que ser trabalhado mais. Os professores eles tem que ser melhores trabalhados, as aulas devem ser pautadas nisso, a gente tem sempre que estar tentando buscar e fazer como que o aluno possa de fato compreender a nossa história e buscar fazer com que ele de fato se identifique nessa história e não se veja a quem não se identifica nessa história.*

São posturas que o educador deve promover desde já em suas práticas pedagógicas, com o intuito de promover positivamente para a construção de uma identidade mais positiva das crianças negras. Mas outros espaços também pode auxiliar a escola nesse embasamento, como lembra Nilma Lino Gomes:

Além disso, existe uma quantidade significativa de grupos culturais, grupos juvenis, entidades do Movimento Negro, ONG's e Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros que podem ser chamados para dialogar e trabalhar conjuntamente com as escolas e com as secretarias de educação na construção e implementação de práticas pedagógicas voltadas para a diversidade étnico-racial. (GOMES, p. 39, 2003)

Compreendemos que os resultados obtidos pela aplicação das oficinas e com a entrevista realizada com a professora ficam evidentes que para ser feita uma construção educativa mais simbólica e representativa, precisa desconstruir a visão que somente a cultura branca deve ser valorizada; e começar a praticar dinâmicas mais inclusivas que afirmem as contribuições dos grupos minoritários, pois estas referências moldam a sociedade. As diversidades raciais precisam ser vivenciadas e experimentadas desde a educação infantil, pois as crianças negras precisam estar preparadas para lidar com qualquer assunto que aborde as questões raciais. Representatividade importa e muito, a escola deve abordar conteúdos que causem um impacto positivo nos alunos, está além de se ver representado nos personagens, mas de garantir que com estes embasamentos as crianças cresçam com sua identidade fortalecida e compreenda que também podem ser inteligentes, bonitas e capazes.

As discussões que os movimentos sociais trazem para a sociedade provam que com uma mídia mais representativa a sociedade tende a valorizar mais as culturas. Lutar contra o racismo não é uma tarefa fácil, mas quando começamos a colocar os negros em papéis de destaque e damos espaço para ouvi-las, criam-se alternativas para o empoderamento e o resgate da autoestima das crianças negras. Deixar de lado a opinião errônea sobre a fala de pessoas brancas serem consideradas mais respeitada e admirada e de pessoas negras serem consideradas agressivas e vitimista. Todos devem ser aliados na luta antirracista, só temos que lembrar que ainda o branco é privilegiado e que devemos colocar pessoas negras também no centro cultural da nossa sociedade.

Torna necessário compreender que os materiais didáticos precisam apresentar de forma positiva as tradições e origens das histórias africanas, para que os alunos sintam orgulho de suas raízes. Trazer uma representatividade real, buscando uma educação onde a criança negra construirá um aprendizado mais positivo e fortalecer as memórias das lutas do movimento negro. Os professores também são responsáveis pela formação dos estereótipos, e que colaborar para mais diversidade no campo de relações raciais é contribuir para os alunos ampliarem suas percepções sobre a própria imagem, superando o racismo e construindo uma sociedade mais justa e democrática.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade com muitas identidades, e ao mesmo tempo vemos o preconceito e discriminação em volta do que é considerado supostamente diferente, que fuja do padrão eurocêntrico. Na escola isso também acontece, o ambiente escolar é um lugar onde explanar e circular ofensas, seja de cunho racista ou até mesmo as dissimuladas ditas brincadeiras, é recorrente. Por isso, a necessidade de debates e conteúdos que incluam a nossa diversidade cultural.

Quando uma cultura é desvalorizada, excluída ou marginalizada, fica difícil para um indivíduo se reconhecer como sendo pertencente a um grupo. Por isso, quando artistas negros desempenham apenas personagens subalternos a tendência é que as pessoas rejeitem suas raízes, e tenham problemas também com baixa autoestima e insegurança.

Nesse contexto, esse trabalho foi pautado em discutir os conceitos e seus significados, presentes nos debates sobre as relações raciais no Brasil. Isso possibilitou ter conhecimentos sobre como somos instantaneamente introduzidos a imagens e suas reproduções assim que ligamos a televisão ou outros meios de comunicação. Percebemos que as novelas, jornais, filmes, comerciais, etc., assumem um único padrão – o eurocêntrico, por ser considerado o mais belo, inteligente e desejável, excluindo totalmente a diversidade da nossa sociedade e mantendo uma postura racista.

Em razão disto, os movimentos sociais visam promover debates sobre como a mídia apaga o protagonismo de pessoas negras, decorrente de preconceito, pautando sobre privilégios, cultura eurocêntrica e racismo estrutural. É preciso compreender estes conceitos que giram em torno da diversidade racial, lembrado que os movimentos sociais representam grupos minoritários nas discussões políticas, e que passou do tempo de todos se sentirem incluídos e representados. Portanto, as identidades são construídas de uma perspectiva social, histórica, política e cultural.

A escola como meio mais acessível para este debate, sobre representatividade, tem a obrigação de introduzir nos planejamentos pedagógicos conteúdos que representem a todos com conversas, palestras, livros didáticos contendo imagens reais (sem imagens estereotipadas), e ler histórias infantis que também apresentem o negro como protagonista. O ambiente escolar é composto por diversas raças e etnias, transformando-se assim em um espaço amplamente social e de diversidade. Por ser um espaço coletivo, com muitos grupos distintos, a escola deve assegurar o compromisso em garantir a igualdade, respeito e a democracia para todos os alunos. Para garantir a prática de conteúdos sobre relações raciais

é preciso que os docentes busquem se aperfeiçoar em cursos de formação na área, a fim de evitar equívocos na sala de aula e conduzi-la de maneira eficaz.

Através das dinâmicas com as crianças do Ensino Fundamental e com a entrevista da professora, observa-se que a rejeição da mídia em não apresentar a cultura africana e afro-brasileira afeta o conceito que as pessoas criam sobre o indivíduo negro. Quando as crianças desenham a maioria dos personagens brancos como os únicos que podem ser bem sucedidos – artistas, princesas, super-heróis, jogadores de futebol, etc. – percebemos que algo está errado. Essa problemática é composta justamente pelo processo de silenciamento e apagamento de histórias onde o negro é protagonista

Abordar conteúdos que abrangem racismo, preconceito e gênero de modo respeitoso na escola, tende a transformar indivíduos capazes de construir uma sociedade mais harmoniosa, inclusiva e democrática. Além de empoderar grupos que são socialmente excluídos, criando artifícios para que construam uma identidade mais fortalecida e positiva. Profissionais da educação devem atentar para estas questões e defender uma educação com mais representatividade, a fim de ter uma sociedade mais justa e igualitária.

É uma luta necessária mostrar para a sociedade a importância de apresentar referências positivas, para mulheres, homens e crianças negras. Tendo em vista que a imagem tem influência pela mídia, é necessário apresentar personagens que assegurem e influenciem o amor próprio de cada indivíduo com produções que sensibilizem as qualidades, os desejos, a beleza e a força das pessoas negras.

Este trabalho, juntamente com as atividades realizadas na EEBAS, foi imprescindível para o meu aprendizado como futura professora. Possibilitou-me entender que eu como professora que visa defender uma educação de qualidade para os meus alunos, preciso continuar estudando e me permitir se desconstruir de velhos paradigmas e preconceitos. Buscar refletir sobre o verdadeiro papel da escola e lutar para que este seja um local acolhedor, acessível e que respeita as diferenças. Abordar conteúdos que permita ao aluno ser crítico e sensível, e que além de tudo se veja como participante ativo numa sociedade. Eu vejo a importância que tenho de continuar buscando aprender sobre esta temática, para ensinar a importância de ser antirracista numa sociedade que tanto fere indivíduos negros – devido à ignorância.

Portanto diante de toda a exposição e conhecimento que esse trabalho proporcionou, afirma-se que a representatividade é muito importante, pois desperta a autoestima e as pessoas começam a buscar os espaços que são seus por direito. A representatividade dá voz, poder de decisão e fortalece a construção de identidade.



## REFERÊNCIAS

AMARAL, Nemézio F. **O Negro na Mídia: a construção discursiva do “outro” cultural.** Educ. Pesqui. vol.29 no.1 São Paulo Jan./June 2010.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de história e cultura Afro- Brasileira e africana.** Brasília: MEC, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro Edições, 3ª edição, 2001.

CÉLIA, Ana. A desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele, **Superando o Racismo na Escola.** 2º edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma L. **“Alguns termos e conceitos presentes do debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”** in Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº10.639/03 – Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005.

GOMES, Nilma L. **“O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação”.** 3ª reimpressão, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

GOMES, Nilma L. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educ. Pesqui. Vol 29 nº1, São Paulo, Jan/Jun, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **Mulher Negra.** “The Black Woman’s Place in the Brazilian Society”, apresentada na “1985 and Beyond: A National Conference”, promovida pelo African-American Political Caucus e pela Morgan State University (Baltimore, 9-12/agosto/1984).

GONZALEZ, Lélia. **RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA.** Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12ª edição. Editora Lamparina, 2013.

HELEN, Thais. **Mídia, representação e raça: o negro na telenovela Avenida Brasil.** Mediação, Belo Horizonte. V. 17, nº20, Jan./Jun. de 2015.

KENNER, G. D.; GADÊLHA, M. M., **Entre Príncipes e Princesas – a (re) construção da Identidade Negra em Crianças do Ensino Fundamental.** In: GADÊLHA, M., SILVA, A. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: Experiências Formadoras na Extensão, No Ensino e Na Pesquisa. Recife: EDUPE, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano.** Editora: Cobogó, 2019.

LARAIA, R. D. **CULTURA Um conceito antropológico.** 14º edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LIMA, J. D.; HIGA, F. (2015). **Apropriação Cultural**. São Paulo, SP: Revista Babel, Edição Identidade, junho de 2015.

LOPES, Daiane; GADÊLHA, Maria. **A interdisciplinaridade da literatura infantil Afro-Brasileira e Africana: Uma experiência no estágio supervisionado**. In: GADÊLHA, M., SILVA, A. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: Experiências Formadoras na Extensão, No Ensino e Na Pesquisa. Recife: EDUPE, 2018.

MATOS, Alessandra; SILVA, Adlene. **A Literatura infantil Afro-Brasileira numa turma multisseriada de uma Escola do Campo da Rede Municipal de Lagoa do Carro – PE**. In: GADÊLHA, M., SILVA, A. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: Experiências Formadoras na Extensão, No Ensino e Na Pesquisa. Recife: EDUPE, 2018.

MOURA, Robenilson; CECCARELI, Paulo; LUZ, Warlington. **O Negro e a Mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais**. In: CONVERSAS TRANSVERSALIZANTES ENTRE PSICOLOGIA POLÍTICA, SOCIAL-COMUNITÁRIA E INSTITUCIONAL COM OS CAMPOS DA EDUCAÇÃO, SAÚDE E DIREITOS. VOLUME 7. Organização: Flávia Cristina Silveira Lemos ([et al.]. - 1. ed. – Curitiba: CRV, pp. 709-718, 2017.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. Caxias do Sul. Conjectura, 2009.

QUEIROZ HÁ; ALVARENGA JBS; MORAES-FILHO IM; FIDELIS A; ARAÚJO LM.. **O reconhecimento da identidade racial na educação infantil**. Rev. Cient. Sena Aires. 2018; 7(1): 66-75.

RIBEIRO, Djamila. **O QUE É LUGAR DE FALA?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.



SCHUCMAN, Lia V. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018.

SILVA, Adlene; GADÊLHA, Maria. **Diversidade Étnico-Racial e Literatura Infanto-Juvenil: Uma Reflexão Teórico-Metodológica de “Pesquisa-Ação-Formação”**. In: GADÊLHA, M., SILVA, A. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: Experiências Formadoras na Extensão, No Ensino e Na Pesquisa. Recife: EDUPE, 2018

SOUSA, Francisca. Linguagens Escolares e Reprodução do Preconceito. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº10.638/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

TOLENTINO, Luana. **“Professora, quando eu crescer, quero ser Carolina Maria de Jesus!”**. O Quilombo, Alma Preta Jornalismo, Julho de 2018.

## ANEXO A

	<p><b>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA</b></p> <p><b>CENTRO DE EDUCAÇÃO</b></p> <p><b>DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS</b></p>	
---	---	---

## AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado(a), autorizo Bárbara Léia Lopes de Sousa, estudante de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba/UFPB a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, que tem como título provisório A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE PARA OS GRUPOS MINORITÁRIOS: UMA REVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES e está sendo orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Surya Aaronovich Pombo de Barros.

João Pessoa, 11 de 2019.

---

Assinatura

## **APÊNDICE A**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **Caraterização:**

1. Cor/Raça:
2. Estado Civil:
3. Orientação sexual:
4. Profissão:

#### **Questionário**

1. Você acha que na escola em que trabalha existe racismo?
2. Como as crianças se veem representadas na sociedade?
3. Como a figura do negro é apresentada nos livros didáticos?
4. Xingamentos, depreciação do cabelo são considerados brincadeiras?
5. Leva em consideração propostas pedagógicas que relacionem a história e cultura africanas e afro-brasileiras quando prepara suas atividades?
6. Qual a importância da Lei 10.639/03? (Que estabelece diretrizes curriculares para estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas).
7. Você teve formação (inicial ou continuada) para lidar com as questões relativas a relações raciais?
8. A mídia tem influência no consumo dos materiais que as crianças compram e usam na escola?